

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

IRMA GUARNIERI

**O MISTÉRIO DA INABITAÇÃO DIVINA
EM IR. ELISABETE DA TRINDADE**

Prof. Dr. Urbano Zilles

Orientador

Porto Alegre
2012

IRMA GUARNIERI

**O MISTÉRIO DA INABITAÇÃO DIVINA EM
IR. ELISABETE DA TRINDADE**

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia; Área de concentração: Teologia Sistemática, Espiritualidade Religiosa.

Orientador: Prof. Dr. Urbano Zilles

Porto Alegre

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G916m Guarnieri, Irma
 O mistério da inabitação divina em Ir. Elisabete da Trindade /
 Irma Guarnieri. – Porto Alegre, 2012.
 89 f.

 Diss. (Mestrado em Teologia) – Fac. de Teologia, PUCRS.
 Orientador: Prof. Dr. Urbano Zilles.

 1. Teologia. 2. Religião. 3. Inabitação Divina. 4. Trindade.
 5. Contemplação. 6. Comunhão. I. Zilles, Urbano. II. Título.

CDD 231

**Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297**

IRMA GUARNIERI

**O MISTÉRIO DA INABITAÇÃO DIVINA EM
IR. ELISABETE DA TRINDADE**

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia; Área de concentração: Teologia Sistemática, Espiritualidade Religiosa.

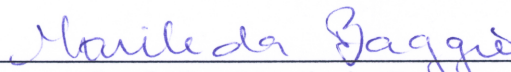
Orientador: Prof. Dr. Urbano Zilles

Aprovado em 29 de março de 2012, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Urbano Zilles
(Orientador)



Prof. Dr. Marileda Baggio



Prof. Dr. Marcos Sandrini

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Urbano Zilles, por ter acreditado em mim e me apoiado. Dizer “obrigada” não expressa todo agradecimento que sinto.

Aos professores e funcionários da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Teologia, pela disponibilidade em me atender sempre que se fez necessário.

Aos colegas da pós-graduação de Teologia, pelos momentos de convivência, troca de experiência que muito me enriqueceu.

À Congregação das Irmãs Servas da Santíssima Trindade, pelo apoio e oportunidade, de modo especial, à Comunidade de Caxias do Sul.

Aos amigos e amigas que, na gratuidade, se interessaram pelo meu projeto.

RESUMO

Deus revelou-se em Jesus Cristo como Deus Trindade, de perfeita intercomunicação de amor entre o Pai, Filho e Espírito Santo. Sua vida *ad intra*, o Pai gera constantemente o Filho e, de ambos, procede ao Espírito Santo. Essa circularidade de amor, realidade maravilhosa, acontece no íntimo do ser humano, lugar preferido da presença amorosa e da ternura de Deus. Elisabete da Trindade viveu à luz do mistério da Inabitação divina, compreendeu e saboreou a companhia das Pessoas divinas nas diversas situações de sua curta existência terrena. Não teve a pretensão de escrever uma doutrina sobre a Inabitação ou um roteiro espiritual, simplesmente escreveu o que vivenciou. Ela recorda que a pessoa humana é feita para amar, ser amada e se relacionar, isto é, viver o céu antecipado, ensinando a todos os fiéis crentes a permanecerem com Deus Trindade, presente nas profundezas de seu ser e a viver a radicalidade do batismo.

Palavras-chave: Trindade. Inabitação divina. Ser humano. Contemplação. Comunhão.

SINOSSI

Dio si è rivelato in Gesù Cristo come Dio Trinità, di perfetta intercomunicazione di amore tra il Padre, il Figlio e lo Spirito Santo. Sua vita *ad intra*, il Padre genera costantemente il Figlio e, di entrambi, procede lo Spirito Santo. Questa circolarità di amore, realtà meravigliosa, succede nell'intimo dell'essere umano, luogo prediletto della presenza amorevole e della tenerezza di Dio. Elisabetta della Trinità visse alla luce del mistero dell'Inabitazione divina, comprese e assaporò la "compagnia" delle Persone divine nelle diverse situazioni della sua corta esistenza terrena. Elisabetta non aveva pretesa di scrivere un manuale di dottrina sull'Inabitazione o un itinerario spirituale, semplicemente, scrisse la sua vita. Lei ricorda che la persona umana è fatta per amare e essere amata e relazionarsi. Cioè, vivere il cielo in anticipo, insegnando a tutti i fedeli credenti restare con Dio Trinità presente nella profondità del suo essere. Vivere la radicalità del Battesimo.

Parole-chave: Trinità. Inabitazione divina. Essere umano. Contemplazione. Comunione.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AD	<i>Ad Gentes</i>
AT	Antigo Testamento
CEC	Catecismo da Igreja Católica
DEET	Doutrina Espiritual de Elisabete da Trindade
DV	<i>Dei Verbum</i>
ETOC	Elisabete da Trindade. Obras Completas
ETVPI	Elisabete da Trindade, viver a partir do interior da alma
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
NT	Novo Testamento
OT	<i>Optatam Totius</i>
UR	<i>Unitatis Redintegratio</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A INABITAÇÃO DIVINA.....	12
1.1 O Conceito Inabitação	18
1.2 A Presença Inabitante e a Encarnação do Verbo.....	21
1.3 A Mística da “Inabitação”	25
1.4 A Busca do Único Absoluto	29
2 O VATICANO II E A INABITAÇÃO.....	32
2.1 A Igreja, Sinal e Instrumento da Inabitação Divina	35
2.2 Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>	39
2.3 Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>	41
2.4 Decreto <i>Optatam Totius</i>	43
2.5 Decreto <i>Ad Gentes</i>	44
2.6 Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i>	45
3 UMA JOVEM APAIXONADA PELA TRINDADE.....	47
3.1 Viver Mergulhada na Trindade.....	51
3.2 O Silêncio de Amor	52
3.3 O Lugar Predileto da Presença da Trindade	59
3.4 O “Tudo” e o “Nada” na Vida de Elisabete.....	62
4 A GLÓRIA E O LOUVOR À TRINDADE	66
4.1 Trindade que Adoro.....	67
4.2 Dialogando com o Verbo Eterno	71
4.3 Súplica ao Fogo de Amor	74
4.4 O Céu na Terra é Possível	77
CONCLUSÃO.....	82
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo, dentro da experiência da Ir. Elisabete da Trindade, responder às perguntas: por que o mistério da Inabitação trinitária é tão pouco falado e vivenciado pelos cristãos? É possível viver o mistério da Inabitação nos dias de hoje?

Para obter umas pistas de possíveis respostas, será necessário descrever o que *possa ser* o mistério da Inabitação, como Elisabete da Trindade o vivenciou de maneira intensa na cotidianidade da família, nos estudos no conservatório de música, nas festas, nos passeios e, mais tarde, no silêncio e na solidão do Carmelo. É necessário ir às fontes das Escrituras, do Magistério da Igreja, de modo especial, os documentos de cunho antropológico do Vaticano II e à literatura teológica sobre o mistério da presença de Deus Pai, Filho e Espírito Santo na pessoa humana, “tenda” viva de Deus Trindade. Elisabete, de maneira intensa e apaixonadamente, no silêncio interior, na adoração e contemplação, buscou a configuração com o Crucificado por amor.

A característica do pensamento de Elisabete da Trindade é não se preocupar em formular uma teologia sobre a Inabitação divina. Fala e escreve a partir de sua vivência desse mistério no dia a dia desde adolescente e depois no Carmelo. Ainda jovem, revelou-se uma pessoa contemplativa, desejosa e sedenta de estar sempre absorva em Deus Trindade.

Os escritos de Elisabete são fundamentados trinitariamente e apontam para a práxis relacional de comunhão com Deus e os irmãos. A Santíssima Trindade é fundamento da vivência interpessoal e comunitária. A identidade da pessoa se nutre desse mistério, vivido na dimensão relacional do amor e da gratuidade que plenifica o ser humano. A comunidade é um espaço humano, habitado pela Trindade¹.

¹ SÍNODO DOS BISPOS. IX ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA. *A vida consagrada e a missão na Igreja e no Mundo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1993.

Elisabete usa, constantemente em seus escritos, as palavras: silêncio, adoração, habitação divina, oração, amor e *laudem gloriae*². Silêncio – desejo de recolher-se no íntimo do ser, para estar com as três Pessoas divinas. Tudo deve calar: silêncio da imaginação e da memória; silêncio do coração e, para não deixar esse silêncio interior, a condição é o desprendimento. Adoração – pode-se defini-la como êxtase. É o amor extasiado pela beleza, pela força e grandeza do objeto amado. A pessoa sabe quem adora, lança-se diante dele, perde-se de vista. Habitação divina – pela fé, ter a certeza da presença do Pai, Filho e Espírito Santo no íntimo do ser humano. Oração – é impossível compreender Elisabete da Trindade sem a oração. Não apresenta uma doutrina sistemática sobre oração. Essa não é a sua proposta nem pretende tal coisa. A característica dela é vivê-la. É o testemunho de uma pessoa orante. *Laudem gloriae* – para ser louvor de glória, é necessário morrer a tudo que não seja Ele³. É uma pessoa sempre em ação de graças e tudo nela é um eco do louvor eterno que, no céu das profundezas do seu ser, começa a sua missão de eternidade.

Elisabete da Trindade empenha-se em ser, para Deus trino, uma nova “Betânia”, onde Deus é o esperado e acolhido. Cresce nela a vontade de ser “casa” animada pelo amor. O amor ama, impele a amar, conduz ao amor. Ao amor entrega-se; vive-o. O amor exige total entrega. Traz em si uma centelha de eternidade, uma dimensão infinita: “amar, amar todo o tempo, viver de amor, isto é, estar entregue, ser sua presa”⁴. Viver como pessoa significa relacionar-se; inclusive, para descobrir a própria identidade, precisa-se dos outros. A vivência comunitária encontra o seu referencial e modelo nas relações e na grande *koinonia*⁵ trinitária.

Sabemos da vida trinitária, através da Bíblia e da confissão de fé da Igreja, das experiências espirituais, feitas ao longo dos séculos, mas, de modo especial, através de Jesus.

Cristo, o seu revelador. A Sagrada Escritura chama Deus pelo nome de Amor (1Jo 4,8.16). Aqui se encontra o fundamento da unitrinitariedade divina: “Deus, porque é amor,

² Esse é o nome-vocação de Elisabete da Trindade. Ver, para melhores esclarecimentos, em *DEET*, p. 116 e notas de rodapé, p. 286.

³ PHILIPON, M. M. *Doutrina espiritual de Elisabete da Trindade*, p. 189.

⁴ DI BERARDINO, P. P. *Elisabete da Trindade: viver a partir do interior da alma*. 2. ed., p. 67. Carta 156.

⁵ *Koinonia* expressão grega para *communio* em latim e comunhão em português: é o modo próprio de relacionamento entre as pessoas, também as divinas. In: BOFF, L. *A Trindade e a sociedade*. 3. ed., p. 288.

Trindade. Porque é amor, as Pessoas da Trindade estão elas mesmas uma em relação com as outras”⁶.

O trabalho está didaticamente dividido em quatro capítulos: a Inabitação divina; o Vaticano II e a Igreja; como Elisabete da Trindade vivenciou o mistério inabitante de Deus e a descoberta de sua vocação-missão de louvor e de glória à Trindade.

O primeiro capítulo fala da fundamentação da Inabitação, o entendimento da presença de Deus, desde a criação à Encarnação de Jesus Cristo. No Novo Testamento, a presença de Deus do “estar com” o povo passa a ser percebida pelo ser humano como presença relacional.

O segundo capítulo traz a doutrina do Magistério da Igreja no tocante a esse mistério. Serão analisados, somente, os documentos de cunho antropológico do Vaticano II que animam os crentes a viverem a comunhão com Deus e os irmãos, formando a “Família de Deus”.

Sucessivamente, no terceiro capítulo, inicia-se uma síntese da vivência da Inabitação divina pela jovem Elisabete – apaixonada pela Trindade – o seu desejo profundo e constante de se lançar na imensidão do amor de Deus que habita em seu ser. Ela exerce a escuta do habitante divino, a fim de viver imersa no infinito Amor, esquecendo-se de si e percebendo seu “Nada” para possuir o “Tudo”.

O quarto capítulo é uma tentativa de mostrar, por meio da oração de Elisabete, “Elevação à Santíssima Trindade”, a sua profunda vivência de comunhão e intimidade com a Trindade presente nela que, sem pretensão, se faz um itinerário espiritual para quem deseja trilhar o caminho da espiritualidade trinitária.

Para a fundamentação teológica, são usadas as seguintes fontes: a Sagrada Escritura; os Símbolos da fé; o Catecismo da Igreja católica; o Compêndio do Vaticano II e os escritos de teólogos, como Karl Rahner, Bruno Forte, Leonardo Boff, Maria Clara L. Bingemer e outros. O livro de tradução de Attílio Cancin, intitulado “Elisabete da Trindade, Obras Completas”; o de M. Michel Philipon “*Doutrina espiritual de Elisabete da Trindade e o de Pedro Paulo di Berardino: Elisabete da Trindade: viver a partir do interior da alma*”, para o enfoque da experiência do mistério da Inabitação em Elisabete.

A metodologia será de pesquisa bibliográfica, estudo analítico e sintético.

⁶ LUBICH, C. *Palavra de vida*, p. 22.

O *laudem gloriae* é nome carismático de Elisabete, que revela uma missão pessoal na Igreja, com conteúdo teológico para ser um programa de vida teologal, em que todo batizado é chamado a viver no percurso de sua vida. A sua missão é universal, e o seu magistério, atualidade permanente, porque se fundamenta na Verdade do Evangelho.

“Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23). Este texto expressa a fundamentação bíblica do tema da Inabituação. Jesus Cristo revelou que Deus é Trindade e deseja estabelecer uma relação interpessoal com o ser humano.

1 A INABITAÇÃO DIVINA

Deus, ao revelar-se, tem por finalidade conduzir o ser humano ao seu convívio e à comunhão com Ele. Estabelecer uma relação interpessoal que consista em uma doação que Deus faz de si próprio à criatura humana, deixando-a livre para acolhê-lo.

Inabitação traduz a ideia da presença amorosa de Deus, do intenso e vivificante estar de Deus na pessoa humana. Constitui a forma de presença mais profunda no sentido da personalização da relação de Deus com o ser humano no mundo. O conceito teológico da Inabitação enuncia o modo específico do cristão se relacionar com a Trindade. É a presença de Deus Pai, Filho e Espírito Santo no crente. Deus torna-o participante da vida divina trinitária em um intercâmbio de entrega mútua. É o próprio Deus que se comunica à criatura⁷.

Em teologia, o tema da Inabitação é estudado, ordinariamente, pelo tratado da Graça. A presença inabitante de Deus no ser humano dá a compreensão da dimensão trinitária da Graça, que é fundamental para chegar a compreensão da vida cristã em toda a sua profundidade. Mas o mesmo tema está junto ao estudo da Trindade, da Revelação e da Pneumatologia. Na perspectiva da revelação, a Inabitação aparece não tanto como cimo da vida espiritual, mas, como fonte e raiz da mesma. É a compreensão essencialmente trinitária e pneumatológica da fé cristã. Essa é a reflexão e a experiência de Elisabete da Trindade, ao vivenciar a presença de Deus, como fundamento de seu caminho espiritual: “O amor leva Deus a dar-se a si mesmo à criatura, donde se conclui que há nela uma realidade criada sobrenatural, uma nova maneira de ser, um ser divino, um ser sobrenatural”⁸. Essa realidade é a graça criada que introduz a criatura na intimidade da Trindade. Dizer que a pessoa possui a graça de Deus é dizer que há nela algo sobrenatural que provém de Deus⁹.

O ser humano é concebido como originário no amor e pelo amor, chamado à comunhão com o Pai, Filho e Espírito Santo. O amor de Deus tudo perpassa do começo ao fim. A doutrina da Santíssima Trindade é a revelação do mistério maior do amor, um

⁷ Cf. RAHNER, K. *O dogma repensado*, p. 145.

⁸ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. v. 7, p. 103.

⁹ BINGEMER; FELLER, op. cit., p. 103.

voltar-se ao centro: Deus. Se a fé cristã é trinitária e o centro desta fé é Trindade, então, é preciso afirmar que a maior graça é: viver em Deus Trindade, de acordo com Deus e para Deus Trindade. Conclui-se que toda experiência e prática cristã deverão ser vividas na graça de uma relação com a Trindade Santa¹⁰.

O crente é batizado “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Com esta invocação trinitária, a pessoa começa fazer parte da comunidade de fé, da Igreja de Jesus Cristo e de sua missão. Os apóstolos e os seus colaboradores oferecem o batismo a toda pessoa que crer em Jesus. O batismo aparece ligado à fé. Antes do momento central da celebração batismal, o indivíduo confirma a sua fé no Deus uno e trino com a tríplice resposta de adesão: Creio. Creio em Deus Pai, Filho e Espírito Santo¹¹. Elisabete da Trindade descobre e vive a realidade cristã do sacramento do batismo. Batismo e fé estão intimamente unidos. O batismo realiza-se na fé: Se crês de todo coração, é possível, disse Filipe ao eunuco etíope. Ele respondeu: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus (cf. At 8, 37-38).

O Catecismo da Igreja Católica acentua o mistério da Santíssima Trindade, como o mistério central da fé cristã,¹² o seu começo e o seu ponto culminante na progressiva participação da natureza divina (cf. 2 Pd 1,4). A união entre o ser humano e Deus trino é iniciativa de Deus e se concretiza pela graça e ação do Espírito Santo, adesão e acolhimento da pessoa humana.

A finalidade de toda economia divina é introduzir a humanidade na unidade de Deus único em três Pessoas. Deus se dá a conhecer e se dá a si mesmo, convida a pessoa humana a entrar na circularidade de sua vida, sem deixar de ser criador e criatura. O ser humano é feito para a vida comunitária que se apresenta como a concretização da sua vocação mais profunda. Deus, ao criar o homem e a mulher, os fez para a vivência comum entre si, com os demais irmãos e com a comunidade divina: “Que todos sejam um” a tal ponto que haja um único corpo, uma só comunidade, à semelhança da comunidade trinitária (cf. Jo 17, 21-23). Segundo o apóstolo Paulo, pelo batismo, o crente comunga na morte de Cristo; é sepultado e ressuscita com ele. “Batizados em Cristo Jesus, é, na sua morte, que fomos batizados. Portanto, pelo batismo, fomos sepultados com ele na morte

¹⁰ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. v. 7, p. 104-105.

¹¹ Cf. CEC, n. 1226, p. 342-343.

¹² *Ibid.*, n. 234, p. 71.

para que, como Cristo, foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6,3-4). Os batizados ‘vestiram-se de Cristo’ (cf. Gl 3,27). Pelo Espírito Santo, o batismo purifica, santifica e justifica (cf. 1Cor 6,11; 12,13).

Os diferentes efeitos do batismo são significados pelos elementos sensíveis do rito sacramental. Os dois efeitos principais são: a purificação dos pecados e o novo nascimento no Espírito Santo. O batismo sela a pessoa com um sinal espiritual. A Santíssima Trindade é a marca do cristão, a meta de seu caminhar. É preciso andar de olhos fixos naquele que é o princípio e o fim de todo peregrinar¹³.

Elisabete da Trindade viveu intensamente o seu batismo, como São Paulo exprimiu quando escreveu: “Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem do seu Criador” (Cl 3,9-10). No coração de Elisabete, o vazio de si mesma, mas cheio de Deus, em uma total entrega na confiança à Trindade presente nela. Ao buscar esclarecimentos sobre os movimentos de seu interior, a impressão de ser habitada recebe do Pe. Vallée a confirmação:

Mas, sem dúvida, o Pai eterno está em nós, o Filho também, assim como o Espírito Santo, toda a Santíssima Trindade está em nós com seu poder criador e santificador, fazendo em nós a sua própria morada, vindo habitar no mais íntimo de nosso ser para aí receber, numa atmosfera de fé e caridade, a adoração que lhe é devida¹⁴.

Elisabete, sentindo-se mais esclarecida, passa a participar conscientemente da vida trinitária, viver em sintonia com as Pessoas divinas, formando uma comunidade de Amor e de entrega mútua. Deus utiliza formas inteligíveis com as quais a pessoa pode se relacionar. A linguagem, entendida pelo ser humano, é a do cuidado, do bem-estar, da promoção da paz, da inclusão, da afirmação da dignidade e do amor. O corpo é a linguagem utilizada por Deus para se comunicar. É o veículo e o lugar da revelação.

“O corpo é uma parábola para o falar de Deus”¹⁵. Os esclarecimentos dogmáticos do Pe. Vallée encantam Elisabete! Agora, pode entregar-se com toda segurança ao morador divino e, com ele, estar nas profundas de seu ser. A partir de então, a Trindade será o “Tudo” em todos os instantes de sua vida.

¹³ Cf. CEC, n. 1274, p. 354.

¹⁴ PHILIPON, M. M. *A doutrina de Elisabete da Trindade*, p. 40-41.

¹⁵ SUSIN, L. C. *A teologia para um outro mundo é possível*, p. 269 e 276.

No dia de sua primeira Eucaristia, Elisabete recebe uma pequena estampa da Madre Maria de Jesus, com o pensamento, explicando o significado de seu nome: “Teu nome bendito oculta um mistério que se realiza neste Grande dia. Filha, teu coração é, na terra, Casa de Deus – Elisabete – do Deus de Amor”¹⁶. Elisabete, com a certeza de ser morada de Deus, avança segura na vivência do mistério: Deus que se aproxima para estar com a pessoa amada e nela fazer a sua morada, o seu templo vivo, e aí ser louvado e adorado. Na intimidade da pessoa, o Pai, continuamente, gera o Filho. O Pai e o Filho convivem, e deles procede o Espírito Santo. Tornam o interior da pessoa um pequeno templo, onde se encontra a magnífica vida divina da Trindade santa. Deus vive na criatura, para associá-la e fazê-la entrar na corrente de sua vida divina¹⁷. Eis o mistério da Inabitação divina!

Para melhor compreender Elisabete da Trindade, os seus traços característicos de jovem amante da Trindade, a sua experiência na vivência da radicalidade batismal, apresentamos um resumo de sua vida, da comunhão e da contemplação do mistério da Inabitação.

Elisabete é filha primogênita do casal José Francisco Catez, militar, e Maria Rolland, nascida no campo de Avor, a poucos quilômetros de Bourges, França, em 18 de julho de 1880. Recebeu o nome de Maria Josefina Elisabete Catez.

A companhia do Capitão Catez é transferida para Auxonne, na região de Cote-d’Or. Elisabete cresce com saúde e é uma criança esperta. Começa revelar alguns aspectos de seu caráter que preocupam a sua mãe. Manifesta-se violenta, colérica, teimosa e tagarela¹⁸. Com 19 meses, sua mãe a leva para receber a bênção das crianças na paróquia, na qual se realizava uma missão que seria concluída com esta bênção. Sobre o caráter de Elisabete, temos o depoimento da professora que dizia: “Esta menina tem uma vontade de ferro: quando quer uma coisa, tem que consegui-la, custe o que custar”¹⁹. O sacerdote que a preparou para a primeira Eucaristia também testemunha: “Com tal temperamento, Elisabete Catez vai se tornar ou uma santa ou demônio”²⁰. No final da leitura, veremos

¹⁶ DEET, p. 41, nota de rodapé, n. 24.

¹⁷ Cf. MAGDALENA, G. S. M. *Intimidad divina*, p. 925.

¹⁸ Cf. ETVPI, p. 13.

¹⁹ *Ibid.*, p. 15.

²⁰ *Ibid.*, p. 15.

que tanto a professora como o sacerdote não estavam enganados, mas haviam acertado no alvo.

No dia 2 de outubro de 1887, o Capitão Catez é tirado do convívio familiar: um ataque cardíaco. A família sofre a dor da separação, em especial, Elisabete, que já conta com 7 anos de idade. Depois da morte do pai, ela dá sinais de mudança: parecia mais reflexiva e controlada. A mãe reconhecia que Elisabete tinha uma inteligência viva, era perspicaz, temperamento forte e uma grande afetividade. Em suas cartas²¹, deixa transparecer a sua consciência das incômodas dificuldades que criava, especialmente no seio da família, devido ao seu caráter agressivo e obstinado.

Em 19 de abril de 1891, na paróquia de São Miguel, recebeu, pela primeira vez, a Eucaristia. No dia 8 de junho do mesmo ano, *houve* o sacramento da Confirmação.

Todos que conheciam Elisabete são unânimes em dizer que, entre a primeira Confissão, aos 7 anos, e a primeira Eucaristia, recebida aos 11 anos, o seu caráter modificou-se notavelmente. Passou a ser mais aplicada, serviçal e responsável²². As duas datas, a da primeira Confissão e a da primeira Eucaristia, representam o marco inicial de uma vida decididamente orientada para Deus.

Sete anos depois desse acontecimento – primeira Eucaristia – Elisabete recorda o evento, e seu coração transborda de alegria e felicidade e assim se expressa:

No aniversário deste dia, em que Jesus fez em mim a sua morada, em que Deus tomou posse do meu coração, tão bem que, depois desta hora, depois deste colóquio misterioso, desta conversação divina, deliciosa, não aspirava senão a dar-lhe minha vida, retribuir um pouco de seu grande amor ao Amado da Eucaristia²³.

Os dias de Elisabete transcorriam na normalidade. Estudava e cultivava o talento musical. Aos 13 anos, atravessa um período de escrúpulos²⁴, de não saber pronunciar um juízo moral sobre os próprios atos. Elisabete vence em primeiro lugar o concurso como

²¹ Cf. ETVPI, p. 19. Carta de 1º de janeiro de 1889 à sua mãe e de dezembro do mesmo ano.

²² Ibid., p. 21.

²³ Ibid., p. 24.

²⁴ Trata-se de um temor que, embora infundado, não deixava Elisabete em paz. Um sentimento anômalo de culpabilidade que pensa ter transgredido gravemente a lei de Deus ou que possa acontecer de um momento para outro (Ibid., p. 25-26).

pianista do Conservatório de Dijon, onde foi matriculada aos 8 anos²⁵, mas por proteções e favoritismos, esta não recebe o prêmio. O mesmo foi dado a outro aluno de outro professor. Com o passar dos anos, Elisabete via crescer o círculo de amizades, das relações familiares nas regiões da França²⁶. Viajou muito, conheceu Paris, Nancy, Luneville, Castelnaudary, Marselha e Bourges. Encantava-se diante dos altos cimos dos Alpes, da Grande Cartuxa, diante dos Pirineus e muitos outros lugares que ela admirava e contemplava. Viajar agradava a Elisabete e, mais tarde, em sua correspondência, recorda estes belos passeios. Para ela, nenhum espetáculo estupendo fica apenas nos olhos. Ele invade, atravessa e fala ao coração, suscita sentimentos de recolhimento, de gratidão e contemplação.

Para Elisabete, ser amiga é tomar sobre si o cuidado daqueles a quem se ama, porque amar é querer o bem do outro, é esquecer-se para colocar-se a serviço do outro²⁷. Elisabete, aos 14 anos, emite o voto de virgindade e sente o imperativo de maior amor. Em um dia, depois da comunhão, no silêncio profundo, ouve a palavra: Carmelo²⁸. Não havia dúvidas: o Senhor a chamava e mostrava-lhe o lugar onde a queria só para si. O Carmelo passa a exercer uma atração profunda e irresistível. Na festa da Assunção de 1894, escreve: “Com teu Filho, mãe tão amada, quero levar uma vida escondida. Quero estar no Carmelo. Eis o meu voto eterno”²⁹.

Enquanto aguardava a entrada no Carmelo, participa das festas. Compartilha alegremente a vida da sociedade, aguardando, até aos 21 de idade, a permissão da mãe para entrar no Carmelo. Elisabete dedicava-se ao coral da paróquia, à catequese e assistia as meninas indisciplinadas da fábrica de tabaco³⁰.

Aos 19 anos, escreve o seu Diário. Nele confessa que não teve consciência dos toques divinos recebidos durante um retiro em janeiro de 1899. Porém, alguns meses depois, ao ler as obras de Santa Teresa, tomou consciência do que lhe havia acontecido. Daí a importância do Diário na sua história e itinerário espiritual: “Reconheci, então,

²⁵ Cf. TVPI, p. 26.

²⁶ Cf. *ibid.*, p. 30.

²⁷ ETVPI, p. 37.

²⁸ *Ibid.*, p. 50.

²⁹ *Ibid.*, p. 51.

³⁰ Cf. DEET, p. 33-34.

aqueles momentos sublimes de êxtase a que o Senhor se dignou elevar-me tantas vezes, durante aquele retiro e mesmo depois”³¹.

Em 1900, Elisabete encontra-se com o Pe. Irineu Vallée³² que a esclareceu sobre a Inabitação divina, pois ela dizia: “Tenho a impressão de ser habitada”. Elisabete encontrou o caminho. A Santíssima Trindade e a sua Inabitação divina serão o “Tudo” em sua vida. No final de sua vida, que foi tão passageira – 26 anos – comparados com a intensidade com a qual viveu, é como se tivesse vivido até aos 80 anos³³ (cf. Gn 5,21-27).

A vida e a vivência de Elisabete fazem nos reportar à pergunta: o que é Inabitação de Deus?

1.1 O Conceito Inabitação

O termo “Inabitação” traz um matiz negativo, devido ao prefixo latino *in*, mais comumente usado, significando negatividade. Inabitação, palavra adjetivada, onde ninguém habita ou lugar desabitado³⁴. O espaço inabitado remete à presença vivificante que, no silêncio da “in-habitação” dos abismos da terra deserta e vazia, o “sopro” de Deus pairava na superfície das águas, dando-lhes vida e fecundando-as (cf. Gn 1,2).

O prefixo *in* remete, também, à ideia de “moimento para dentro,” da exterioridade à interioridade, uma *pericorese*³⁵, movimento e relações mútuas. O lugar especial da presença de Deus é “estar com” o povo. Andarei entre vós e serei vosso Deus e vós sereis meu povo. Porei minha morada entre vós (cf. Lv 26,11). “Estar com” é fazer-se presente, comungar com o outro em todas as circunstâncias; permanecer na mente e no coração. Deus peregrino imigra em direção à interioridade do ser humano e nele faz a sua

³¹ Cf. DEET, p. 39.

³² Pe. Irineu Vallée foi superior dos dominicanos de Dijon e diretor espiritual de várias carmelitas desta cidade. Elisabete encontrou-o, pela primeira vez, 14 meses antes de entrar para o Carmelo. Leu várias de suas conferências (Ibid., p. 40).

³³ Na linguagem bíblica, para dizer que uma pessoa viveu santamente, acrescentavam-lhe maior número de anos de vida. Matusalém, personagem bíblico mais longevo, que viveu 969 anos.

³⁴ HOLANDA, A. B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1970.

³⁵ *Pericorese*: Expressão grega que literalmente significa uma Pessoa divina conter as outras duas ou, então, Cada uma das Pessoas interpenetrar as outras reciprocamente (BOFF, L. *A trindade e a sociedade*, p. 290).

habitação, co-existindo com a criatura em um intercâmbio de amor. Na linguagem teológica, Inabitação é o termo usado ao se falar da presença da Santíssima Trindade na pessoa humana. A Inabitação de Deus constitui a forma de presença mais intensa, no sentido da personalização da relação de Deus com o ser humano aqui na terra. O conceito teológico da Inabitação enuncia a relação cristã com Deus³⁶.

A graça é a instância última para a compreensão do ser humano e da Igreja como corpo, templo e, sobretudo, como comunidade de graça. A presença inabitante de Deus se dá em uma relação pessoal de acolhimento e de doação na dinâmica do amor.

Pela graça criada, as três Pessoas divinas se dão à criatura humana, fazendo-se presentes nela. Toda Trindade vem e habita o ser humano: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra e o meu Pai o amará e viremos a ele e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23). É o advento de Deus, ou seja, o mistério da in-habitação³⁷ no coração humano. O Pai é o centro da vida divina. Ele não é enviado; Ele é quem envia. O Pai está todo no Filho e ambos no Espírito. O Pai, pela Encarnação do Filho e pelo Pentecostes, vem ao encontro de seus filhos e neles habita. Assim, a Inabitação convém a toda Trindade. É Deus, na plenitude de sua comunhão trinitária, que habita na interioridade da pessoa³⁸. Como diz Paulo, na carta aos Romanos: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

Deus, ao criar o universo e o ser humano, busca estabelecer um relacionamento pessoal. Ele relaciona-se com Moisés: o Senhor fala com Moisés como quem fala com um amigo (cf. Ex 33,11). E Jesus deixa claro que Deus deseja essa comunhão pessoal e amigável com toda criatura humana. Quem seguir Jesus será seu amigo (cf. Jo 15,14).

A presença de Deus, por interiorização inabitante, já se encontra preparada no Antigo Testamento, na história da humanidade, quando Deus faz aliança com Noé: “Eu faço uma aliança convosco e com vossos descendentes” (Gn 18,1-9). Toda vez que o arco-íris aparecer no céu simbolizará a universal envolvimento de Deus com o cosmos e a história dos povos. “Ao vê-lo, recordareis minha aliança perpétua, a aliança de Deus com

³⁶ Cf. VERBO, *Enciclopédia*. v. 15. Edição Séculos XXI. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 2000.

³⁷ Alguns teólogos, como Maria Clara L. Bingemer, Vitor Galdino Feller, preferem o termo composto “in-habitação”, ao termo Inabitação, em função da ambiguidade desse último. O termo “in”, além de apontar para o advérbio “dentro de”, é mais comumente usado como significado de negatividade, como infabilidade (Cf. BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. v. 7, p. 104, nota de rodapé).

³⁸ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*, p. 103-104.

todos os seres vivos, com tudo o que vive na terra” (Gn 9,9). Deus é presente na vida dos patriarcas, como uma presença amigável, que vem ao encontro deles, trazendo a novidade da bênção, envolvendo o povo nessa bênção de que Abraão é mediador: “Em ti eu abençoarei todas as nações” (Gn 12,1-3).

A presença concentra-se, depois, na aliança sinaítica, no sangue com o qual o povo é aspergido, simbolizando comunhão de vida entre Deus e o povo (cf. Ex 23,8). No Sinai, Moisés sobe ao monte de Deus, e o Senhor o chama para comunicar que o povo, ao tornar-se “propriedade” dele, deve guardar a aliança (cf. Ex 19,3-9). O povo adere e declara: faremos tudo o que Javé mandar (cf. 24,3b). Moisés pegou o resto do sangue e com ele aspergiu o povo dizendo: Este é o sangue da aliança que o Senhor faz conosco. O sangue une com vínculo sagrado as duas partes, é o sinal, o sacramento da aliança.

Na literatura sapiencial, a aliança é progressivamente interiorizada no coração das pessoas, na qual está inscrita a nova lei do amor e da fidelidade (cf. Ez 36,26-28). Outros temas, como a “nuvem” e o “templo”, permitem antecipações, dir-se-ia, “sacramentais” que ajudam reconhecer a intensidade da presença inabitante de Deus na história de seu povo. A teologia judaica chama à presença compassiva de Deus junto ao seu povo no deserto e no santuário de *Shekiná*³⁹. Essas passagens bíblicas tratam de ilustrar que a presença divina se move da exterioridade cósmica para a interioridade humana, o lugar da presença, do encontro e da *teofania*⁴⁰ da Inabitação divina. Pelo sopro de Deus, a pessoa humana é “elevada” a ser imagem de Deus. Torna-se, então, uma criatura aberta ao Espírito e, mais ainda, “criatura habitada pelo Espírito”⁴¹.

Falar em Inabitação não é tratar de uma presença puramente intelectual, moral ou psicológica, no sentido de que as Pessoas divinas estão presentes somente, enquanto objeto de conhecimento e amor, e, sim, de uma presença substancial: o justo possui a Deus mesmo e não, um efeito sobrenatural, distinto de Deus.

³⁹ *Shekiná* – Trata-se de um substantivo que vem do verbo *shakhan* que significa morar e habitar, bem como é usado com frequência no Antigo Testamento. Sob a forma de *shekiná*, entretanto, o termo não se encontra na Bíblia hebraica (Cf. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*, p. 106, nota de rodapé. Refere-se à glória visível de Deus habitando no meio de seu povo. Ex 13,21; 19,16; 29, 45ss; 40,34ss).

⁴⁰ *Teofania* – Na Bíblia, significa a manifestação de Deus, que é cercada de elementos maravilhosos e extraordinários, como no Sinai (Ex 20,23) (Cf. BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. v. 6, p. 41).

⁴¹ SUSIN, L. C. *A criação de Deus*. v. 5, p. 101.

Depois de ter visto o conceito de Inabitância, Deus que busca relacionar-se com a pessoa humana, a sua presença inabitante, preparada no Antigo Testamento, agora, cumpre-se na pessoa de Jesus Cristo.

1.2 A Presença Inabitante e a Encarnação do Verbo

A presença inabitante da Trindade cumpre-se em Jesus Cristo. Basta chamar à memória a manifestação batismal (cf. Mc 1,1-11), na qual Jesus é apresentado como Filho amado e predileto de Deus Pai em uma envolvência trinitária, manifestada na voz divina que ecoa do alto e no Espírito, visibilizado em forma de pomba.

A transfiguração de Jesus (cf. Mc 9, 2-8) remete à promessa do Antigo Testamento na figura de Moisés e Elias que dialogam sobre a sua paixão, sinalizando a morte de Cristo na cruz, o cumprimento das promessas divinas da presença interiorizada no coração e, aqui, no coração do Redentor⁴². A autorrevelação de Deus lida a partir do mistério da cruz, é a plenitude da história de Deus uno e trino, que busca estabelecer relação-aliança com o ser humano. Jesus entrega o seu Espírito, para que seja o princípio vital da Igreja, comunidade que vive do mesmo Espírito de seu Senhor (cf. At 2,1-4).

No Quarto Evangelho, é proclamada a passagem do Espírito de Cristo à Igreja e, nela, aos cristãos, conforme a cena da aparição do Ressuscitado no dia da Páscoa, quando o Senhor da vida sopra sobre os apóstolos o Espírito Santo (cf. Jo 20,19-23). Daqui em diante, os apóstolos e, por eles, a Igreja, são animados pelo Espírito que neles habita e passa a ser a força dinâmica de toda ação missionária. Essa ação tem como conteúdo central a participação dos crentes na relação com o Pai, porque todos, no Filho e na força do Espírito, recebem a participação na escatológica relação filial (cf. Gl 4, 4-11; Rm 8). A vida é, então, penetrada pela presença de Deus-Pai e Amor. Jesus viveu a imediatez dessa presença. A realidade de Deus-Pai emerge, quando o ser humano se torna capaz de descobrir no outro um filho de Deus e um irmão seu⁴³. Jesus ressuscitado garante a sua presença na Igreja. Conviver é viver em comum com o outro, e foi o que Jesus fez com os coxos, aleijados, excluídos da sociedade. Ele teve compaixão, sofreu junto e morreu por

⁴² Cf. VERBO, *Enciclopédia*. v. 15. Edição século XXI. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 2000.

⁴³ Cf. BOFF, L. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*, p. 99.

todos, se tornou tão próximo das pessoas que desejou estar com elas até o fim dos tempos: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,20). A Igreja é, no mundo, um dos meios pelos quais Deus se faz presente e, por meio dela, age de maneira sensível e sacramentalmente. Nos primeiros séculos, os Padres repetiam as expressões bíblicas, nas quais se lê que as pessoas justificadas são templos de Deus ou chamam-nos de *theóforoi* (que levam Deus em si). Essa presença é diferente de toda outra presença divina no mundo. Habitando o cristão, Deus o faz partícipe da natureza divina⁴⁴.

O momento da interiorização da presença de Deus na Igreja e nos crentes é Pentecostes, do ponto de vista histórico-salvífico; da continuidade na história, é o batismo, conforme o Evangelho, segundo João (cf. Jo 3; Rm 6), que constitui um momento de reabilitação: eu te asseguro que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não poderá entrar no reino de Deus. Assim, não estranhes se te disse que é preciso nascer de novo (cf. Jo 3,1-18). Tornando templo do Espírito Santo, o Corpo de Cristo, nessa transfiguração existencial e identificação mística, opera-se, então, conforme a lógica da graça, a identificação crística que Paulo expressa de uma forma singular: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2, 20).

A intensificação inabitante de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, é possível, se o ser humano se inserir em uma comunidade, a Igreja, Corpo de Cristo, templo vivo do Espírito Santo. A teologia joanina da presença de Deus fala claramente da Inabitação da Trindade no discípulo, no “estar com” e no “estar em” que ocupa o diálogo de Jesus com os seus discípulos durante a última Ceia. Permite, conseqüentemente, ver a Inabitação como uma realidade pneumática e trinitária. “Se me amais, observais os meus mandamentos e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito para que convosco permaneça, para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê, nem o conhece” (Jo 14,15-17).

Há uma presença de Deus inteiramente pessoal no íntimo daqueles que o amam e guardam a sua Palavra. O próprio Jesus fala dela, quando responde a Judas, não o Iscariotes, que deseja saber o porquê da manifestação a eles e não, ao mundo: “Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23). Essa presença especial da Trindade, ou seja, este dom divino do

⁴⁴ Cf. KUNRATH, P. A. Comunicação (comunhão) pessoa de Deus com o homem. *Teomunicação*, v. 39, n. 1, p. 85, jan./abr. 2009.

amor, é a presença de Deus no ser humano. A doutrina da Inabitação é inseparável da Teologia trinitária, da Cristologia e da Graça. Esta permite perceber que a presença inabitante da Trindade acontece em uma relação pessoal de acolhida da parte do ser humano e de autodoação, de entrega na dinâmica do amor da parte de Deus.

A Teologia do Batismo constitui uma fonte para a compreensão do tema teológico da Inabitação, assim como a Eucaristia. O dom de si mesmo Deus faz no Filho Jesus: “Tomai, isto é meu Corpo. Isto é meu Sangue, o Sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos” (Mc 14, 22-24). É o ponto alto da autocomunicação de Deus. São Paulo fala da incorporação do cristão **pelo batismo a Cristo**, em seu mistério pascal, em morrer para reviver, em submergir para emergir como filho no Filho Jesus (cf. Rm 6,3-5).

Batismo, o mergulho, total envolvimento para aplicar na vida as consequências da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Ser batizado significa viver um estilo de vida nova e propor à sociedade um novo modo de organizá-la, que seja reflexo da vida da comunidade trinitária. A pessoa é batizada em nome da Trindade. Em nome, significa que o batizado deverá, de agora em diante, “representar” a Trindade à sociedade onde está engajado. É a responsabilidade que todo cristão carrega, porque foi marcado com o selo trinitário; portanto a Santíssima Trindade é a marca do cristão, o horizonte, a meta do seu caminhar⁴⁵.

Pelo batismo, a Trindade chama o batizado a inserir-se na comunidade Igreja e, em comunhão trinitária, a participar na missão e na vida da Igreja⁴⁶, tomar parte ativa na transformação do mundo. Significa e realiza uma incorporação mística, mas, real no Corpo crucificado e glorioso de Jesus Cristo. Acontece um novo nascimento a partir da água e do Espírito⁴⁷, sem o qual “ninguém pode entrar no Reino de Deus” (Jo 3,5). Dessa forma, o batismo é necessário para quem o Evangelho foi anunciado e teve a possibilidade de pedi-lo. Foi o pedido de Jesus ressuscitado aos seus discípulos:

Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos (Mt 28,1).

⁴⁵ Cf. CEC, n. 1274, p. 354.

⁴⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Batismo*: fonte de todas as vocações. Porto Alegre: Regional Sul III, 2003, p. 35.

⁴⁷ Cf. CEC, n. 1213 e 1215, p. 340.

A Santíssima Trindade concede ao batizado a graça santificante e a graça da justificação que o torna capaz de crer em Deus, esperar nele e amá-lo⁴⁸.

O crente, agora, pode viver e agir através dos dons que o Espírito lhe concedeu. É ungido e consagrado, para viver uma vida nova. O rito da unção do corpo – unção batismal, crismal, sacerdotal e dos doentes – ilustra esta santificação e consagração corporal como morada de Deus, sacrário vivente. Logo, de maneira simbólica, é proclamado que o ser humano, no seu corpo, é morada de Deus, lugar por excelência do mistério da Inabituação divina.

Pelo batismo, a pessoa é libertada do pecado e regenerada como filha de Deus, tornando-se membro de Cristo, incorporada à Igreja e feita participante de sua missão⁴⁹. Deus Trindade habita na comunidade reunida em nome e no Espírito de Cristo ressuscitado: “Pois, onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio deles” (Mt 18,20). A vivência da espiritualidade trinitária, conforme a comunidade de Mateus, exige a solidariedade com os pobres, os excluídos, os marginalizados da sociedade: “Estive com fome, e me deste de comer [...]” (cf. Mt 25, 35-36).

As prefigurações do batismo na antiga Aliança (Gn 1,2; 14,22 e 1Pr 3,20) encontram a sua realização em Jesus Cristo. Desde os primórdios da Igreja, a fé na Trindade está presente. No início das celebrações, é invocado “o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. O louvor, a glória e as *doxologias* testemunham a fé na Trindade da comunidade primitiva orante na Trindade. Segundo Leão XIII, na encíclica *Divinum illud munus* sobre o Espírito Santo, a Inabituação trinitária é uma ação operada pelo Espírito Santo: “O apóstolo, quando chama aos justos, “templo de Deus”, nunca os chama “templos do Pai” ou “do Filho”, mas, “do Espírito Santo”: ‘ou não sabeis que o vosso corpo é Templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebeste de Deus’⁵⁰?

Com a encarnação do Verbo eterno, Deus está presente entre os homens e as mulheres de maneira nova, habita no meio deles. É o “Emanuel” (cf. Mt 1,21; Lc 1,35). A

⁴⁸ As *Virtudes Teologais* se referem diretamente a Deus. Dispõem os cristãos a viver em relação com a Santíssima Trindade e têm Deus uno e trino por origem, motivo e objeto. A Fé é a virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo que nos disse e revelou; a Esperança é a virtude pela qual desejamos como nossa felicidade o Reino dos Céus e a vida eterna, pondo nossa confiança nas promessas de Cristo; a Caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas, por si mesmo, e ao nosso próximo (Cf. CEC, p. 488-491).

⁴⁹ Cf. CEC, n. 1213, p. 340.

⁵⁰ LEÃO XIII. Carta Encíclica *Divinum illud munus*, n. 11, 1897.

Palavra se fez homem e acampou entre nós (cf. Jo 1,14). Paulo reconhece que o “corpo” do cristão é “templo” visível do Espírito. Que Deus se comunica (cf. 1Cor 6,19), e seu amor foi infundido no coração humano, pelo dom do Espírito Santo (cf. Rm 5,5). O apóstolo João afirma que os seguidores de Jesus habitam em Deus, e Deus neles. Há uma comunhão constante do discípulo com Deus e Deus com o discípulo (cf. 1Jo 3,1-2.23).

Confirma-se, assim, que o mistério trinitário se revelou no caminho concreto, na palavra, atividade, paixão e ressurreição de Jesus Cristo. Sua vida revela a realidade trinitária, que tem a ver com a compreensão profunda do universo e da pessoa humana.

Ser discípulo de Jesus Cristo é viver a mística da Inabitação divina na normalidade de cada dia.

1.3 A Mística da “Inabitação”

Viver misticamente é estar mergulhado no mistério da presença inabitante da Trindade. O termo “mística” etimologicamente provém de *myô*. Este verbo significa o procedimento de fechar os olhos e olhar para o interior e mergulhar no divino inteiramente. *Myéô* significa iniciar-se nos mistérios; e o *mystês* é o iniciado nos mistérios, aquele que medita, contempla o mistério.⁵¹ Místico é aquele que é íntimo do Espírito Santo.

O encontro com Deus Trindade não é privilégio do cristão. Todos os crentes estão a caminho do encontro com a Trindade. O Deus-Amor não se furta a nenhum encontro, porém a todos procura e a todos se oferece como Outro de uma relação plena⁵². Mística é uma percepção de Deus, por assim dizer, experiencial da presença de Deus no espírito pelo gozo interior. É uma tomada de consciência do mistério de Cristo⁵³.

Mística vem de mistério e significa aquela atitude que melhor se coaduna com a natureza mais íntima do mistério. No rosto desfigurado do fraco e excluído, o cristão contempla o rosto desfigurado de Cristo crucificado, de modo que a paixão de Cristo

⁵¹ EICHER, P. (Org.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 564.

⁵² Cf. FORTE, B. *À escuta do outro*, p. 100.

⁵³ LACOSTE, J.-Y. (Org.). *Dicionário crítico de teologia*, p. 1161 e 1169.

continua se perpetuando no rosto sofrido de tantos irmãos. Baseada na doutrina bíblica do mistério da presença da Trindade, é o próprio Deus que se revela, comunicando-se ao coração da pessoa. A vivência da Inabitação divina anuncia e propõe uma vida de comunhão interpessoal com Deus. É uma experiência gradual e crescente da união com Deus na pessoa de Cristo. Essa experiência se concentra em Deus como o único Absoluto, o suficiente para saciar a sede de plenitude do coração humano. “Experimentar Deus não é falar dele aos outros, mas falar a Deus junto, em companhia com os outros”⁵⁴. É senti-lo com o coração. O mistério da Inabitação circunda e penetra a existência do ser humano, como fala o apóstolo Paulo: “foi a fim de procurarem a divindade e, se possível, atingi-la às palpadelas e encontrá-la; também ele não está longe de nós. É nela, com efeito, que temos a vida, o movimento e o ser” (At, 17, 28). Deus cria o ser humano com consciência para que ele possa ouvir as histórias do universo, captar as mensagens dos seres da criação: céus, terra, mares, fauna, flora e do próprio processo humano e religar tudo à fonte originária de onde procedem⁵⁵.

Para o místico, o mistério é um acontecimento a ser acolhido com total liberdade e disponibilidade. Deus é mistério que sempre se dá, mas também se retrai; sempre se revela e, ao mesmo tempo se vela; sempre se comunica, entretanto não se confunde com as criaturas por ele criadas. “É na experiência radical da realidade que Deus emerge na consciência do ser humano. É através da experiência de Deus, buscado e encontrado no coração da experiência real, que a criatura humana se torna transparente e se transfigura num grande sacramento comunicador de Deus”⁵⁶.

A radicalidade da vivência da consagração batismal leva à união mística com as Pessoas divinas. A presença inabitante de Deus exige: tomada de consciência, busca de uma espiritualidade de interiorização; sintonização da vida pessoal com Deus presente, pela contemplação, vocação universal e exigência da graça batismal. A mística é uma dimensão natural do ser humano e está ao alcance de cada um. Trata-se de um modo de ser e de habitar o tempo e o espaço que é dado viver a cada um. O Deus, vivido pelo cristão, é alguém com quem se estabelece uma relação dinâmica e pessoal. O ser humano entra em comunhão com Deus, porque Ele é autocomunicação, um Deus que dialoga com

⁵⁴ Cf. BOFF, L. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*, p. 7.

⁵⁵ Ibid., p. 54.

⁵⁶ Ibid., p. 29.

o seu povo, promete, caminha, julga e consola. É o Deus da aliança que faz um compromisso de fidelidade de ser o Deus do povo (cf. Ex 19ss).

O Pai, ao enviar seu Filho amado para comunicar-se, sendo Jesus o único mediador, nesse intercâmbio dialógico, o Pai se faz próximo e visível aos seus filhos no Filho: “Quem me viu, viu o Pai. Como podes dizer: Mostra-nos o Pai?” (Jo 14, 9), e Verbo se fez carne para tornar o ser humano participante da natureza divina” (cf. 2 Pd 1,4). Eis a razão, pela qual, o Verbo se fez homem para que o homem entrasse em comunhão com o Verbo⁵⁷.

Deus, fonte originária de todo ser, está acima da pessoa humana e é chamado de Pai; Deus que está com o ser humano, companheiro de caminhada, se chama Filho; e Deus que habita nas profundezas da pessoa, como entusiasmo e criatividade, se chama Espírito Santo. Um único Deus-comunhão que atua na criatura humana e a insere em sua rede de relações. Na interioridade do ser humano, se realiza a eterna relação de amor e de comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo⁵⁸.

Pelo batismo, o crente é chamado a compartilhar da vida de Deus uno e trino, embora, na obscuridade da fé. O sentimento místico de uma presença que inabita faz a pessoa viver em comunhão permanente com as três Pessoas divinas. Deus começa ser “Tudo” e tudo, no ser humano, é nele. A presença divina não é estática, mas, dinâmica e faz a criatura humana entrar na circularidade do Amor trinitário. Leva a pessoa nos seus relacionamentos humanos e com o universo a um novo modo de ser e viver o cotidiano. A mística cristã não evidencia fenômenos extraordinários, no entanto, a mudança da vida prática: sem conversão, não há nenhuma mística cristã. Em outras palavras: o conteúdo e o sinal de reconhecimento da prática do Evangelho⁵⁹. A mística do seguimento é a das “mãos abertas” para a ação. Em tudo, há a marca trinitária, impressa nas criaturas e na realidade espiritual e corporal do ser humano. Deus entrou totalmente na realidade humana, pois se humanizou em Jesus de Nazaré. A partir de agora, o lugar do encontro de Deus será preferencialmente na vida humana, nos crucificados de hoje. Portanto, a mística cristã se orienta pelo seguimento de Jesus. Implica um compromisso com todos, preferencialmente os pobres, haja vista que Jesus se **encontrou** entre eles; na defesa da

⁵⁷ Cf. CEC, n. 460, p. 129.

⁵⁸ Cf. BOFF, L. *Experiência de Deus: a transparência de todas as coisas*, p. 109-110.

⁵⁹ EICHER, P. (Org.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 564 e 569.

vida e no compromisso de transformação pessoal e social para a realização do Reino de Deus.

A experiência do Deus-mistério é trinitária – é o núcleo da existência cristã, não só uma proposição em que se deve crer, como ainda, uma realidade que é comunicada⁶⁰, que o místico procura vivenciar, apoiando-se na força interior do amor e da entrega, incorporando valores evangélicos de acolhida, respeito, solidariedade e misericórdia para com o ser humano, é, pois, o templo vivo de Deus trino.

Deus é comunhão de três Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. São distintas para propiciar a autodoação e a comunhão entre si, e Jesus relacionava-se com Deus como seu Pai. E dele irradiava tanto carisma e força de atração⁶¹.

Esta é a vida de comunhão com Deus Trindade, a vida que se deixa conduzir pelo Espírito Santo para se configurar com Cristo – Caminho, Verdade e Vida. No seguimento de Jesus, a mística cristã é a de encarnação: acontece no cotidiano, se faz corpo em gestos de revelação do próprio Deus; em um olhar profundo e contemplativo; em um escutar atento das angústias e alegrias do tempo presente; em um operar constante para que todos tenham vida em abundância; em um proclamar da palavra que anuncia o Reino; e em um estilo de vida que privilegia o ser sobre o ter. Vive-se a mística cristã nas relações entre as pessoas, nas suas diferentes expressões, na amizade, no serviço, no trabalho e nos seus respectivos contextos. Ser morada viva da Trindade é abrir-se à comunhão inter-relacional com Deus, domiciliado no ser humano, com os irmãos e as irmãs na comunidade humana e com todo o planeta terra. O Espírito é o ambiente divino em que todas as criaturas comungam umas com as outras, é o elo, o laço e a união da biodiversidade do universo. Mística é uma tomada de consciência do mistério de Cristo, de Deus Trindade no ser humano que experimenta a sua presença.

O ser humano traz, dentro de si, um desejo infinito de encontro com Deus. Esse desejo pode ser expresso, como busca de um Absoluto.

⁶⁰ Cf. MIRANDA, M. F. *O mistério de Deus em nossa vida*, p. 212.

⁶¹ Cf. BOFF, L. *Mística e espiritualidade*, 6. ed., p. 26.

1.4 A Busca do Único Absoluto

Sentir-se procurada e amada por Deus é uma das alegrias mais intensas que uma criatura possa experimentar em sua vida. Alguém gratuitamente vem ao seu encontro para dizer que a ama, que é preciosa aos seus olhos⁶². Deus ama o ser humano por aquilo que ele é: a sua “imagem e semelhança”. Deus reencontra-se na pessoa, e a pessoa reencontra-se em si mesma e se reconhece quando se deixa amar por Ele⁶³.

A Inabitação é a relação mais profunda com Deus Trindade, e é claramente possível, se esse Deus é trinitário. A vida *ad intra* da Trindade é uma constante *pericorese*: o Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem na circularidade do amor em si mesmos. O cristão foi associado à vida trinitária, como descreve São Paulo: “[...] por meio d’Ele, nós, judeus e gentios, num só Espírito, temos acesso junto ao Pai. Sendo assim, já não sois estrangeiros e adventícios, mas, concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,18-19). Inabitação de Deus na pessoa humana: “[...] vós, também nele sois co-edificados para serdes uma habitação de Deus, no Espírito” (Ef. 2, 22). “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (Ef 3,16). A Trindade é vida, uma vida essencialmente de amor, de relação. Não basta o batismo para se fazer cristão. O importante é viver a vida de Deus. Fazer passar, em todo ser e agir, uma vida de amor e de entrega⁶⁴.

A vida de amor é a busca do único Absoluto. Exige o desapego das criaturas, o “vazio” dentro de si e desprender-se de tudo e todos. A pessoa que busca o Absoluto tudo faz e aspira viver em íntima união com as Pessoas divinas⁶⁵. A vivência do mistério da Inabitação é um constante exercício de identificação com Jesus Cristo, na busca da vontade do Pai, na realidade onde está inserido. É total obediência. O verbo latino *ab-audire* significa escutar intensamente para responder⁶⁶. “O meu alimento é fazer a

⁶² Cf. SCADINI, Fr. P. O Carmelo é o país mais belo do mundo. In: *Mensageiro de Santa Teresinha* do M. Jesus. São Paulo, n. 59.701, ano 60, n. 3, p. 25, jul./dez. 1984.

⁶³ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amos*: a graça que habita em nós. v. 7, p. 13.

⁶⁴ Cf. GAMARRA, J. Perspectiva trinitaria del decreto sobre el ecumenismo en su aspecto pastoral. In: *El misterio trinitario a la luz del Vaticano II*, p. 183.

⁶⁵ GAMARRA, Jose. Perspectiva trinitaria del decreto sobre el ecumenismo en su aspecto pastoral. In: *El misterio trinitario a la luz del Vaticano II*, p. 71.

vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4,34). Pela obediência, o crente reorienta cada dia a sua vida.

Jesus, que estava sempre em comunhão com o Pai, sentia-se filho, agia e falava com uma força que o tomava: o Espírito Santo. Quem busca o único Absoluto também deixa o Espírito agir nele e age sob as suas moções. O Espírito fecunda e vivifica a Igreja, o mundo e a vida dos fiéis. Deus, ininterruptamente, fomenta na pessoa, por graças atuais, inspirações e luzes, o amor que tem para com seus filhos. Com inefável ternura e solicitude de Pai, cuida de seu crescimento, procura o desenvolvimento dessa planta de amor, que Ele mesmo plantou no ser humano. Deus acompanha a pessoa, contempla-a, porque a criou e a cria com carinho e ternura. Deus olha o ser humano com olhar de criador, redentor e santificador. O olhar de Deus veste de graça, harmoniza e fecunda os seus filhos e filhas de virtudes. A criatura humana vive em Deus, e Deus vive na criatura humana. É uma relação de aliança⁶⁷.

Jesus, falando de Deus e do ser humano, disse: “Se alguém me ama, guardará minha palavra, e o meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23). Essas palavras são o fundamento e o ensinamento da doutrina da Inabitação de Deus na pessoa. Nunca a filosofia antiga, nem a razão, não iluminada com a revelação, puderam suspeitar mistérios e delicadezas tão profundas, repletos de beleza e verdade! Foi Jesus Cristo quem claramente e, sem dúvida alguma, ensinou essa consoladora verdade!

O morar, por amor, das Pessoas divinas, chama-se de Inabitação de Deus. Estabelece-se a Inabitação de Deus, quando Ele vive e mora no ser humano, que dispõe da vontade humana, como oferecimento e consentimento. Habitar em uma casa é dispor dela; a habitação perfeita supõe a propriedade e o poder de usar de tudo que a casa tem, segundo o próprio querer. Deus Trindade não quer ser somente hóspede, mas também estabelecer a sua morada permanente, como alguém íntimo e participativo de tudo o que acontece nessa casa. Fazer-se casa é ter a mentalidade de ser casa. Casa, onde é vivida somente a comunhão trinitária. Se a pessoa quiser pertencer a Deus, que Ele seja o seu único Absoluto, deverá, voluntariamente, querer que Deus participe de todo o seu ser e agir (cf. 2Cor 6,16).

⁶⁶ Cf. FRIGERIO, T. Re-encantar-se no princípio. *Convergência*, ano XLIV, n. 421, p. 309, maio 2009.

⁶⁷ Cf. BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. v. 7, p. 13.

Na carta aos Coríntios, Paulo escreve: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo sois vós” (1Cor 3,16). O templo é para o culto, para dar glória a Deus, e tudo, no templo, deve cantar a glória de Deus, porque Ele enche o templo. Deus criou a pessoa humana, para doar-se; chamá-la a si; comunicar-lhe a sua alegria, a sua sabedoria, o seu amor; e fazê-la saciar de sua felicidade ainda nessa vida. Deus se dá e se comunica como é: Deus amor infinito. É próprio do amor doar-se. Deus não só revelou o seu amor, como ainda enviou Aquele que mais amava: Jesus, o Filho muito amado: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl, 4 ,4). Portanto, de agora em diante, o único Absoluto que o ser humano deve buscar é o próprio Deus e, para isso, deixou a Igreja, como sinal visível de sua presença e de sua graça.

A exortação feita a Pedro de confirmar os seus irmãos (Lc 22, 31s) deixa ver bem a dimensão teológica da confiança de Jesus na continuação de sua missão. Diante da pergunta: “E vós quem dizeis que eu sou? Pedro responde: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo” (cf. Mt 16,17). Jesus declara que a confissão procede de uma revelação do Pai (cf. Mt 16,17). Dito isso, estabelece e declara a função de Pedro: Jesus se propõe construir um templo, que é uma comunidade nova, na qual Pedro será uma “pedra” fundamental.

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei Minha Igreja, e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus, e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus (Mt 16,18-19).

Neste capítulo, o centro de nosso interesse esteve na presença amorosa de Deus no ser humano. Deus, aquele introduz o crente na circularidade de sua vida divina.

Na Igreja, como continuadora da missão de Jesus Cristo, encontram-se todos os meios para que o crente avance sempre mais na vivência do mistério da Inabitação.

2 O VATICANO II E A INABITAÇÃO

Os cristãos acreditam em Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, Deus, em três Pessoas, que constituem um único Deus vivo. Deus é Trindade, porque assim o revelou o Filho encarnado. Ao ser batizado, o crente é acolhido na comunidade Igreja, é sinal visível da invisível presença trinitária no mundo. Tal qual Cristo é o sacramento de Deus, a Igreja o é para o ser humano, o sinal visível de Cristo Jesus.

A Igreja, sinal e instrumento da habitação da Trindade, é movida pela ação do Espírito Santo que faz dela templo de Deus vivo (cf. 2Cor 6,16), o sacramento da vida. O Espírito une todos os membros entre si e com a cabeça, Jesus Cristo, formando um só corpo. Um povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. LG, n. 4).

Na comunidade trinitária, cada Pessoa necessita das outras, como tais, com peculiaridade pessoal, e igualmente isto deve ser observado nas relações interpessoais dentro da Igreja. Cada cristão necessita do outro. Se a Igreja participa do próprio ser da Trindade de Deus, deve-se estabelecer entre todos os membros autêntica circulação de vida. A Igreja é uma comunidade ou comunhão de pessoas deificadas. Criada pelo Pai em Cristo, está vivificada e animada pelo Espírito Santo. A Igreja é imagem da Trindade, enquanto nela se reflete a própria vida divina dos “Três”. E, como tal, a Igreja deve refletir a vida da Trindade em sua própria existência. Jesus pede ao Pai, antes de sua partida: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti; que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21). O evangelista João busca, nesse texto, a fundamentação teológica da comunhão: Deus trino, Deus comunhão de amor e vínculo de relações interpessoais e a comunidade de Jesus – a Igreja – deve ser uma unidade que media entre o Pai e Jesus e uma comunhão com o Pai e com o Filho, uma incorporação à unidade de Deus e de Jesus⁶⁸. A comunhão entre as Pessoa divinas é o caminho a seguir para uma vida de comunidade e de comunhão autenticamente fraterna.

A família, “Igreja doméstica”, se constrói na comunhão e no amor. Ela se torna o sacramento da Trindade, quando procura se orientar pela busca da integração e pela vivência do amor, que a faz sinal da presença de Deus Trindade. A unidade da família reflete a unidade da Igreja e esta, a unidade da Trindade e Deus, nela habita.

⁶⁸ Cf. SCHNACKENBURG, R. *El evangelio según Juan*. v. III, p. 235.

Mas a Igreja não é um sacramento “só para seus membros”. Na Constituição LG sobre a Igreja, o Vaticano II afirma claramente: “Pela sua relação com Cristo, a Igreja é um sacramento ou sinal de íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano. Ela é, também, um instrumento para a realização dessa união e dessa unidade (cf. LG n.1).

Até o Vaticano II, a teologia acadêmica não estava vinculada à experiência de Deus, como critério ou ponto de partida para a elaboração de seu pensar e de seu discurso. O Concílio redescobriu, no interior da reflexão teológica, a espiritualidade cristã, fonte rica do pensar sobre Deus e consistente ensinamento novo e irrepetível, sopro do Espírito na história que permite à teologia dizer novas palavras sobre Deus que é o centro de sua fé⁶⁹.

No período pós-conciliar, a teologia irá mais e mais adotando a experiência como categoria fundamental para o seu objeto maior: o pensar e o falar sobre Deus. O ser humano, após experimentar na fé, busca conhecer pela inteligência e expressar-se por intermédio da linguagem, porque dele emana o pensar e saber sobre si próprio. Por si mesmo, o ser humano seria incapaz de articular um discurso coerente e inteligente, isto é, esse saber e esse pensar (cf. Rm 1,19; 1Tm 2,3-4). É Deus mesmo que se revela na criatura humana na sua totalidade – inteligência, sensibilidade, liberdade, memória e vontade – possibilita à criatura a graça de conhecê-lo e amá-lo.

Jesus ressuscitado entregou à Igreja a continuidade de sua missão. E, assim, através de gestos, sinais e palavras, faz memória de sua presença. O sinal da cruz, com a água benta, recorda a água do batismo e, no início e fim das celebrações, orações particulares e comunitárias, a Santíssima Trindade é invocada⁷⁰. As *doxologias* são fórmulas, mantidas na liturgia cristã, pelas quais o Pai e o Filho são glorificados no Espírito Santo. São muito abundantes no NT e mostram que essa homenagem de louvor ocupava o lugar principal na oração das primeiras comunidades⁷¹. É a glória, a finalidade de todas coisas (cf. Ef 1,6-14). As *doxologias* dão verdadeiro testemunho da fé dos primeiros cristãos, que se reuniam em nome da Trindade Santa. As palavras proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido (cf. DV, n. 2). Na liturgia da palavra, o Espírito Santo “recorda” à assembleia tudo o que Cristo fez pela humanidade. Segundo a natureza das ações

⁶⁹ Cf. GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*, p. 188 e 210.

⁷⁰ Cf. ZILLES, U. *Meditações no Sumaré*, p. 67 e 73.

⁷¹ LACOSTE, J.-Y. (Dir.). *Dicionário crítico de teologia*, p. 772.

litúrgicas e as tradições rituais das igrejas, uma celebração “faz memória” das maravilhas de Deus. O Espírito Santo, que desperta a memória da Igreja, suscita, então, a ação de graças e o louvor⁷². Assim, movidas pelo Espírito de Cristo, as comunidades rememoram os ensinamentos, gestos de perdão e acolhida de Jesus de Nazaré, agora presente, vivo e ressuscitado no meio delas. O cristão, ao rezar, dirige, de modo especial, a sua oração ao “Pai por Cristo na unidade do Espírito Santo”. Há toda uma envolvência da presença trinitária nas orações do cristão.

Quanto aos *Credos*, estes se baseiam na fé trinitária. Trazem uma estrutura trinitária: “Creio em Deus Pai, Filho e Espírito Santo”, único Deus, de uma única substância, de uma única natureza divina⁷³. O *Credo* é uma fórmula doutrinal ou de profissão de fé. “Crer encerra em si uma opção fundamental diante da realidade como tal; ela não é uma simples constatação disso ou daquilo e, sim uma forma básica de relacionar-se com o ser, com a existência, com o próprio e com o total da realidade”⁷⁴. Por ocasião do batismo, o crente faz a sua primeira profissão de fé. Recitar, com fé, o *Credo* é entrar em comunhão com a Trindade e com toda a Igreja que acredita e transmite essa fé⁷⁵. A criação, o ser humano, em especial, Jesus, o Filho do Pai feito carne humana, possibilitam vislumbrar a imagem de Deus trino⁷⁶. A revelação de Deus manifesta-se mediante os acontecimentos da aliança com o povo de Israel, culminando em Jesus Cristo. Nele, Deus se aproxima do povo para torná-lo partícipe da vida trinitária, introduzindo-o na dinâmica do amor e da vida comunitária.

A Santíssima Trindade, para os cristãos, não é somente um mistério de contemplação. É um mistério que opera transformação da vida humana, conduzindo novas formas de vida, de organizá-la, cada vez mais parecida com a comunidade trinitária. Os laços com Deus Trindade se estreitam, quando esta comunidade divina não apenas habita a história, a comunidade cristã, mas também perpassa a vida de cada pessoa. Arma a sua “tenda” no coração do ser humano, habitando-o, acolhendo-o na sua fragilidade, nos seus

⁷² Cf. CEC, n. 1103.

⁷³ Ibid. e CEC, n. 189-190, p. 61.

⁷⁴ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo. Preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório*, p. 39.

⁷⁵ CEC, n. 196, p. 62.

⁷⁶ Cf. ZILLES, U. *Meditações no Sumaré*, p. 73.

sonhos, lutas e buscas. Deus se faz presença na vida de seus filhos na comunidade Igreja e sente “prazer” em conviver com eles (cf. 2Cor 6,16; Ap 21,3).

Pela fé, esperança e amor, o batismo é estruturado trinitariamente, e, por isto, o crente é enviado a agir dessa forma, trazendo para a vida cotidiana a imagem trinitária.

A Trindade não é um mistério que está longe, porém, tão perto, vizinho, para ser vivido na simplicidade da vida cristã⁷⁷. A vida cristã é, por sua própria natureza trinitária, comunicação da natureza divina ao ser humano (cf. 2Pd 1, 4). A fé e a caridade são uma participação íntima e divina no conhecimento e no amor do próprio Deus. Em virtude da fé e da caridade, o batizado torna-se partícipe do Filho e do Amor que procede do Pai e do Filho (cf. Rm 8, 29; 8,16; Tt 3, 5).

O batismo aproxima o ser humano da vida intratrinitária. O serviço e a dedicação aos irmãos passa ser um estímulo de relação mais intensa com Deus. Não, a um Deus ausente ou distante e fora da pessoa; mas, presente nela, à medida que a criatura humana se esvazia de si mesma, se faz cada vez mais atenta à influência do Espírito inabitante.

O Vaticano II deu uma visão trinitária à Igreja e ao mundo. A Igreja é habitação da Trindade, movida pela ação do Espírito Santo, que a faz templo do Deus vivo (cf. 2Cor 6,16) e santuário da vida. O Espírito une todos os membros entre si e com a Cabeça, Jesus Cristo, formando um só corpo, um povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. LG, n. 4).

2.1 A Igreja, Sinal e Instrumento da Inabitação Divina

A Igreja do Vaticano II é a Igreja da Trindade, “um povo reunido em virtude da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG n. 4). A Igreja é uma comunidade integrada por homens e mulheres que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito de Amor, em seu peregrinar para o Reino do Pai. Com essa eclesiologia, o Vaticano II descreve a Igreja como sacramento universal de salvação, de comunhão e de unidade de todo gênero humano (cf. GS n.1); se baseia na fenomenologia da Inabitação, perspectiva histórico-salvífica na revelação e na presença da Trindade. Culmina nas missões históricas

⁷⁷ Cf. BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*, p. 87.

do Filho e do Espírito Santo. Por um lado e, em uma teoria sacramental, vê os sacramentos do Batismo e da Eucaristia, como momentos fundamentais da celebração, da vivência e da frutificação da Inabitação trinitária na Igreja. Esta é ícone e sacramento visível da presença de Deus no mundo, para o mundo, afirmando que existe, no ser humano, a semente divina:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, que são dirigidos pelo Espírito, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com a história (GS, n.1).

Os padres conciliares, no dia 20 de outubro de 1962, na mensagem à humanidade, proclamam: “Procuraremos apresentar aos homens de nosso tempo, íntegra e pura, a verdade de Deus, de tal maneira que eles a possam compreender e a ela espontaneamente assentir”⁷⁸. E Paulo VI, na abertura da segunda sessão, faz questão de reafirmar – no dia 29 de setembro de 1963 – a finalidade pastoral do Concílio, com as mesmas palavras de seu predecessor João XXIII, é a seguinte: “Reavivaste na consciência do magistério eclesiástico a convicção de que a doutrina católica não deve ser somente verdade explorada pela razão sob a luz da fé, mas, sim, palavra geradora de vida e de ação”⁷⁹. O mistério transcende, pela intensidade de sentido, os limites da linguagem e da razão, do modo como se dá a Inabitação. “Pelas processões temporais, o Pai não é enviado; ele é quem envia as outras duas Pessoas divinas. Como o Pai está no Filho e como um e outro estão no Espírito, o Pai também, pela obra da encarnação do Filho e pelo pentecostes do Espírito, o Pai vem e habita na criatura humana”⁸⁰.

Para A. Gardeil, a Inabitação divina passa por um conhecimento experimental, amoroso. K. Rahner e os teólogos M. Flick e Z. Alszeghy, a partir do horizonte transcendental, defendem que a Inabitação pressupõe, e só é possível como uma relação

⁷⁸ VIER, F. (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*, 1967, p. 9.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 9.

⁸⁰ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*, p. 104.

peçoal, e, na graça, o ser humano relaciona-se, com cada uma das Pessoas divinas, e não somente com a Trindade⁸¹.

A Inabitação, como relação especial do crente com as Pessoas divinas, tem o seu fundamento na mesma história da salvação, que leva a cabo o desígnio do Pai pela encarnação do Filho e o envio do Espírito Santo. Deus expressa o seu desejo de levar todas as pessoas à participação de sua vida, congregando-as junto ao Pai na Igreja (cf. LG nº 2 e 5). O movimento da criatura humana para Deus se baseia na mesma dinâmica trinitária: pelo Espírito Santo, em Cristo, caminha ao encontro do Pai (cf. Rm 14,17; Gl 4,4). O caráter pessoal e relacional da teologia da Inabitação explica-se nestes termos: O Pai se dá, entregando-se ao Filho, que comunica a vida, mediante a efusão do Espírito, para fazer o ser humano participante da comunhão intratrinitária. O mistério da comunicação pessoal de Deus com a pessoa “é o mistério das três Pessoas divinas que se entregam, cada qual, segundo a sua propriedade pessoal, de modo análogo, a de como se entregam entre si”⁸².

A Igreja está em um contínuo e permanente devir e, por isto, necessita de purificação e renovação, na força do Espírito que nela opera, visando a que cheguem ao seu cumprimento as promessas de Deus. Ela vive fiel ao mundo presente e fiel ao mundo que deve vir, nutrida de tudo o que já lhe foi dado, para crescer em direção ao que nela “ainda não” se consumou. A Igreja segue rumo à Trindade na invocação, no louvor e no serviço. No mistério da unidade trinitária, repousa também a unidade da Igreja com o seu futuro plenamente revelado, o Reino, e, conseqüentemente, a índole escatológica de toda comunidade eclesial⁸³. O teólogo Bruno Forte vê a Igreja como dom do alto, como fruto e iniciativa divina, como mistério. Apresenta-a como presente desde a eternidade no plano do Pai e por ele preparada durante toda a história no caminho da aliança feita com o povo de Israel. Com a encarnação do Filho, a Igreja inicia a sua fundação explícita, [a missão de Jesus Cristo, no chamado dos discípulos, na convivência do mestre com eles e na consciência de um novo modo de se relacionar com Deus e com os outros](#). Sem dúvida, será somente depois da Ressurreição que os discípulos se darão conta do mistério no qual estão, de algum modo, envolvidos. A Morte na Cruz e a Ressurreição serão o marco para a compreensão de todo evento Jesus Cristo, e é, a partir daí e da efusão do Espírito Santo, o

⁸¹ VERBO, *Enciclopédia*. Edição Século XXI, v. 15. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 2000.

⁸² LA PEÑA, J. R. R. *O Dom de Deus: antropologia teológica*, p. 315.

⁸³ Cf. FORTE, B. *A Trindade como história*, 2. ed., p. 190.

prometido, que se instaura definitivamente o mistério da Igreja na história da humanidade. Bruno Forte, então, dirá que a Igreja “é mistério”, tenda de Deus entre os homens, fragmento de carne e de tempo em que o Espírito do Eterno veio morar. A Igreja não se inventa ou produz – é recebida, é dom. Nasce do acolhimento e da ação de graças, em estilo contemplativo e eucarístico”⁸⁴. A Eucaristia é o lugar em que a origem trinitária volta continuamente a representa-se e, por isto, a suscita e a alimenta. *A Igreja é vista* como comunhão una na diversidade e com o coração voltado para a unidade final do Reino. Pode-se dizer que a celebração eucarística é o ponto de encontro da Trindade com a Igreja. A Eucaristia é a grande ação de graças ao Pai. A Igreja se faz porta-voz de todo o criado: o pão e o vinho, fruto do trabalho humano que são apresentados ao Pai na fé e na ação de graças. A Eucaristia significa, assim, o que o mundo deve procurar ser: uma oferta e um hino de louvor ao Criador, uma comunhão universal no corpo de Cristo⁸⁵.

A Igreja apresenta-se como comunidade, enviada a ser presença do Ressuscitado, tendo por missão a mesma do Filho: anunciar o amor do Pai de todos os modos, em gestos e palavras. Assim, seguindo o caminho de Jesus Cristo Ressuscitado, a Igreja sabe-se caminhante de caminhos de paixão e luta, ao lado dos homens, vivendo em profunda solidariedade com quem sofre, sendo sinal de esperança para os desalentados, sendo o rosto do Outro para todos:

A esses caminhos interrompidos da paixão e da luta humana, a essa dupla nostalgia que neles se oculta, a comunidade cristã é chamada a dar resposta em força de sua pretensão de ser anunciadora da salvação em Jesus Cristo. [...] Assim, o Deus da Igreja se oferece, antes de tudo, como o Totalmente Dentro, o grande companheiro e o invencível apoio do vigiar e do padecer humano. Segue-se daí o dever, para a Igreja cristã, de prestar conta a seu Senhor, colocando-se antes de tudo em comunhão com a solidariedade profunda com os sofrimentos dos homens e com a práxis orientada pela esperança, que é a práxis da libertação. Se o Deus da Igreja é Totalmente Dentro, a Igreja de Deus deverá estar totalmente dentro da angústia dos desolados, oprimidos e explorados da terra. Ao mesmo tempo, ela deverá estar totalmente dentro da luta diária pela libertação do homem; ela é a Igreja em comunhão com a paixão e a esperança dos homens, e a serviço da libertação deles⁸⁶.

O Vaticano II não se fixou na Trindade em si mesma, isto é, na Trindade imamente, preocupou-se em ver o que as três Pessoas divinas foram e são, para o ser

⁸⁴ FORTE, B. *Introdução à fé. Aproximação do mistério de Deus*, p. 69.

⁸⁵ Cf. FORTE, B. *A Trindade como história*, 2. ed., p. 194.

⁸⁶ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história. Ensaio de uma cristologia como História*, p. 39-40.

humano, a Trindade econômica. O modo pelo qual apresenta a Trindade foi novo na linguagem normal dos concílios, preocupados em afirmar o ser em si da Trindade em face das heresias, que colocavam em risco a ortodoxia da fé no mistério trinitário. O Vaticano II voltou a sua atenção e o seu olhar para o ser humano, sob a luz de Deus uno e trino. O Deus que apresenta é aquele que, no AT, se aproximou do povo de Israel, caminhou com ele lado a lado e culminou com a máxima proximidade, enviando o próprio Filho ao mundo e, por ele, com ele e nele, o Espírito Santo. Deus, o totalmente Outro, se faz em Cristo e no Espírito, totalmente presente à criatura humana, estabelecendo relações pessoais e familiares com ela⁸⁷. O Vaticano II sublinha a relação especial do ser humano com o Pai. Direta ou indireta, explícita ou implicitamente, evoca constantemente, como fio condutor, a filiação adotiva, por consequência, a paternidade divina do Pai⁸⁸. No próximo item, analisar-se-á como a *Lumen Gentium* remete à presença da Trindade no mistério da Inabitância.

2.2 Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

A *Lumen Gentium* remete à presença inabitante da Trindade, recordando o plano do Pai, a missão do Filho e o envio do Espírito Santo: “Veio, portanto, o Filho, enviado pelo Pai. [...] (cf. LG n. 3). Consumada a obra que o Pai confiara ao Filho realizar na terra, foi enviado o Espírito Santo” (LG n. 4). “O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis como animador que transforma a comunidade em templo santo de Deus (cf. 1Cor 3,16; 6,19; Ef 2, 21). Tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações habita o Espírito Santo como num templo” (LG n. 9). Neles ora e dá testemunho de que são filhos/as adotivos/as (cf. LG n. 4).

Jesus Cristo promete enviar o Espírito, o qual, sendo um e o mesmo na Cabeça e nos membros, vivifica, unifica e move o corpo inteiro, a ponto de os Santos Padres compararem a sua ação àquela que o princípio vital desempenha no corpo humano (cf. LG n. 7). “E nós temos reconhecido o amor de Deus entre nós e, nele, acreditamos. Deus é Amor: aquele que permanece no amor, permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo

⁸⁷ Cf. SILANES, N. *O dom de Deus: a Trindade em nossa vida*, p. 86.

⁸⁸ VIER, F. (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos e declarações*.

4,16). A Igreja compreendeu vivamente a primazia do amor, sobre o qual tanto insistiu o Mestre. O amor coloca o ser humano em profunda amizade e comunhão com Deus. Torna a pessoa, pela graça, participante das riquezas da Trindade santa. É o divino intercâmbio do viver em “sociedade” com Deus uno e trino, podendo “gozar” e saborear da presença das três Pessoas divinas (cf. LG n. 42).

Deus, que é rico em misericórdia, pelo seu grande amor com que nos amou, quando ainda estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo – pela graça fomos salvos! – (cf. Ef 2, 4). É no mistério do amor do Pai entre o Filho e o Espírito Santo que a Igreja tem significado. Tendo nascido da Trindade, a Igreja é também ícone dela, pois representa a imagem do amor trinitário, à qual o crente está indissolavelmente ligado pelo batismo.

A Igreja tem como sua imagem, sua existência e seu objetivo a comunhão trinitária; conduzir os fiéis à vivência da mística do mistério inabitante de Deus Trindade na criação, na história e na pessoa humana. É congregar todas as criaturas no vínculo do amor universal do Espírito Santo. Deus criou o ser humano para a comunhão, para ser relacional, dialogal e comunicativo⁸⁹. O Espírito Santo leva cada pessoa no caminho da conversão e da santificação pessoal, quando se deixa “conduzir” (cf. Rm 8,14) pelo Espírito, para agir, orar e amar a si mesma. Deus se deixa encontrar por aqueles que, em meio às tramas da história e desafio de pensar a realidade, acalentam em seu ser e, livremente, se deixam conduzir por sua mão divina e acolhem sua revelação. Deus faz sentir a sua presença no progresso, nas descobertas, tanto nelas quanto através delas. No meio dessa história, a criatura humana é chamada a encontrar e fruir de sua presença.

A GS número 19 dirá que a expressão máxima da dignidade humana é a vocação à comunhão com Deus. Desde as suas origens, o ser humano se entretinha com o Criador. Foi criado, existe e vive, porque Deus o ama. É em meio à própria história conflitiva, que a pessoa é chamada a fazer a experiência de Deus, caminhar com Ele e, n’Ele, solicitando-lhe uma resposta de fé⁹⁰.

A valorização da pessoa, em sua grandeza e dignidade, explica a verdadeira vocação humana. A GS exalta a dignidade da pessoa, criada à imagem de Deus, capaz de conhecer e amar o seu Criador. O Deus que o Vaticano II quer manifestar ao mundo não é

⁸⁹ FELLER, V. G. Teologia – Deus Trindade. *Jornal Mundo Jovem*, 31 maio 2010. p. 1.

⁹⁰ Cf. GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise prospectivas*, 2. ed., p. 188 e 210.

o Deus abstrato e frio das filosofias e, sim, o Deus trinitário da história da salvação, que manifesta ao ser humano o seu desígnio de salvação e quer introduzi-lo na sua própria vida e felicidade.

O Magistério da Igreja coloca-se do lado da pessoa humana, defendendo a sua vida, tomando as suas dores, quando a sua dignidade é ameaçada. Em seus documentos, de modo especial, os do Vaticano II acentuam a valorização do ser humano, como portador da presença do Deus vivo. Na missão de edificar a comunidade eclesial, a Igreja vai ao encontro, sobretudo, dos empobrecidos, excluídos, dos sem voz e vez e se faz de todos porta-voz de seus direitos. O Vaticano II explica, em vários de seus documentos, que pensar e falar de Deus implica falar sobre o ser humano: “O Vaticano II foi um acontecimento do Espírito, desse Espírito que continua sendo ‘criador’ de sua Igreja e fazendo ‘novas todas as coisas’”⁹¹.

2.3 Constituição Dogmática *Dei Verbum*

A revelação é uma iniciativa de Deus que, através de sua bondade e sabedoria, se revela em Jesus Cristo, por acontecimentos e palavras, tendo como destinatários as pessoas e comunidades. A constituição DV exprime o amor e o convite que Deus faz ao ser humano, nestes termos:

Deus invisível, levado por um grande amor, fala aos homens como amigos e, com eles, se entretém para os convidar à comunhão consigo e, nela, os receber. Este plano de revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si, de forma que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significativas pelas palavras⁹².

Deus cristão é alguém com quem se pode estabelecer uma relação dinâmica e pessoal: um Ser, cujo nome é Amor, que deseja estar com seus filhos. Ele revela o desejo de entabular um diálogo com a pessoa e faz o apelo de conviver como “amigo”. Deus deseja que a criatura humana se abra para o êxodo de si mesma que a própria Inabituação

⁹¹ VELASCO, R. *A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial*, p. 239.

⁹² *Constituição DV*, n. 2.

implica. Vem ao seu encontro; o ser humano, então, pela ação do Espírito Santo, abre-se ao diálogo na experiência relacional de amar e ser amado. Pela revelação divina, Deus está em contínua procura de “amigos” e, por isto, manifesta-se e comunica-se a si próprio e os decretos eternos de sua vontade acerca da salvação da humanidade (cf. DV, n. 6).

A importância da escuta da Palavra fará a criatura humana ter acesso ao verdadeiro Deus. O Vaticano II confessa que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido pela luz natural da razão, a partir das coisas criadas. Desde a criação do mundo, a sua condição invisível, bem como o seu poder e divindade eternos se tornam acessíveis à razão para as criaturas (cf. Rm 1, 20).

Deus, no seu grande amor, escolheu um povo, visando a preparar a salvação do gênero humano. A aliança feita com Abraão (cf. Gn 15,18) e, por meio de Moisés, com o povo de Israel (cf. Ex 24, 8), revelou-se a seu povo, com palavras e feitos, como único Deus verdadeiro, para que Israel experimentasse o que significa para a humanidade seguir os caminhos de Deus (cf. DV n. 14).

A tradição apostólica, graças à assistência do Espírito Santo, desenvolveu-se na Igreja: cresce a percepção das realidades e das palavras, seja pela contemplação e pelo estudo dos fiéis, que as guardam em seu coração (cf. Lc 2, 29.51), quer pela compreensão que provém da experiência das coisas espirituais, quer pela pregação sucedendo aos apóstolos (cf. DV, n. 8). A primordialidade da experiência para o conhecimento de Deus penetra no espírito do Concílio. A DV vai reafirmar a constituição comunitária e relacional do ser humano como reflexo daquilo que é o próprio ser de Deus ao dizer:

Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm 1,17), levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e, com eles, se entretém (cf. Br 3, 38), para os convidar à comunhão consigo e nela os receber (cf. DV n. 2).

Trata-se, portanto, de um Deus em convivência na eternidade de sua perfeita comunhão, Pai, Filho e Espírito Santo, um Deus que não se contenta com uma convivência apenas divina, abre-a à participação da criatura humana e a faz entrar na circularidade de seu amor e de sua vida⁹³.

⁹³ Cf. GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*, 2. ed., p. 198.

A DV convoca e anima todos os crentes a darem o seu consentimento e crer na verdade revelada. Pela fé, o ser humano, livremente, se entrega todo a Deus revelador, presta-lhe a benevolência plena do seu intelecto de sua vontade, dando voluntário assentimento à revelação feita por Ele (cf. DV n. 5). A Inabitação é o “*Kairós*”⁹⁴ trinitário que emerge de Deus no rosto de Jesus Cristo, em cada pessoa, ajudando-a a sair do emaranhado “eu”, a fim de lançar-se na circularidade do Amor inabitante, de sentir-se toda envolta n’Ele. Cristo, o enviado do Pai, através do Espírito Santo, introduz o ser humano no “espaço” de sua própria vida e felicidade⁹⁵. A existência cristã se funda em um Deus trinitário, que habita a interioridade humana.

O Vaticano II sugere aos jovens vocacionados ao sacerdócio uma preparação mais intensa, para melhor compreender e vivenciar o mistério da Inabitação.

2.4 Decreto *Optatum Totius*

O Vaticano II sugere, na formação ao sacerdócio, uma fórmula belamente trinitária: “[...] os alunos aprendam a viver em íntima comunhão e familiaridade com o Pai, por meio do Filho Jesus Cristo, no Espírito Santo” (OT n. 8). Hoje, mais do que nunca, a doutrina sobre a Inabitação é particularmente importante, sendo verdade que a sociedade hodierna é tentada a fazer a experiência de Santo Agostinho: “Mandei os meus sentidos para fora de mim, ó Deus, a buscar-te, procuraram, mas não te encontravam, porque te procuravam erradamente. Vejo, ó Luz da minha alma e meu Deus, que te procuravam errado, porque fora de mim te buscavam”⁹⁶.

O tempo de formação é o tempo propício, para fazer a experiência do mistério inabitante de Deus e anunciá-lo com atitudes cristãs.

⁹⁴ *Kairós*, na filosofia grega, designa uma crise dentro de uma experiência temporal, na qual o homem interpelado tem que decidir-se interiormente. Na Escritura, *Kairós* é o tempo de salvação decidido e disposto por Deus (Mc 1,15) à plenitude de tempo (Gl 4,4), à última oferta da graça de Deus em Jesus Cristo à Israel (Lc 19,14) e a todos os homens (2 Cor 6,2). (RAHNER, K.; Y. H. VORGRIMMLER, Y. H. *Dicionário teologia*, p. 377).

⁹⁵ SILANES, N. Panorámica trinitaria del Concilio. In: *El misterio trinitario a la luz del Vaticano II*, p. 31.

⁹⁶ SANTO AGOSTINHO, apud DEET, p. 11.

2.5 Decreto *Ad Gentes*

O n. 1 da AG inicia falando da natureza missionária da Igreja, de sua origem na missão do Filho Jesus e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai. O Pai, o Princípio sem princípio, conhece-se a si mesmo, gerando o Verbo, a perfeita Imagem de si mesmo, também chamado Filho, e este conhecimento suscita o amor. O Pai ama o seu Verbo, e o Verbo ama o seu Pai. O amor com o qual o Pai ama o Verbo, e o Verbo ao amar o Pai faz proceder o Espírito Santo.

A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai. Este desígnio provém do “amor fontal” ou da caridade de Deus Pai, que é Princípio sem Princípio e do qual é gerado o Filho e pelo Filho procede Espírito Santo⁹⁷.

O Vaticano II se preocupou em dizer quem é Deus para o ser humano. Deus que se revelou em Jesus Cristo, um “Deus Família”, que se define e identifica como Amor e, por amor, transborda fora de si mesmo, criando o universo e o ser humano. Disposto a revelar-se e dar a conhecer o mistério de sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante o qual a criatura humana, por meio de Cristo, Verbo encarnado, tem acesso ao Pai, no Espírito Santo; fazer o crente participante da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Pd 1,4). Deus fala ao ser humano com intimidade, movido por seu desejo de dar-se a si mesmo (cf. Ex 33,11; Jo 14,15). Armou a sua tenda no meio do povo na pessoa de Jesus Cristo, convidando-o à comunicação dialógica consigo e recendo-o em sua “companhia”, para conviver com ele. A revelação, por conseguinte, é Deus que entra na história da humanidade para selar uma aliança com ela, por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo. O Vaticano II influenciou na vida da Igreja, mostrou que a sua missão é de seguir o Bom Pastor na busca de unidade entre os cristãos, integrando-os em torno da mesma fé, esperança e amor. Portanto, os documentos do Vaticano II, em várias passagens incentivam os fiéis à vivência da presença de Deus, ao respeito pela dignidade humana, lugar da morada da Trindade Santa.

O decreto AG convida todos os cristãos a manifestarem a nova criatura que, pelo batismo, assumiram e reconhecem que, mesmo antes da glorificação de Cristo, acontecia a ação do Espírito Santo (cf. AG, n. 4) e que a “secreta presença de Deus” habitava as

⁹⁷ AG, n. 2.

nações. Faz um convite para que haja um reconhecimento das ocultas “sementes do Verbo” e das “inúmeras riquezas”, prodigalizadas aos povos pelo Deus munificente (cf. AG, n. 11). Esse plano realizou-se não somente no interior secreto dos seres humanos, como também, nos ritos e nas culturas dos povos (cf. AG, n. 9).

Por misericórdia e bondade, Deus criou livremente o ser humano, o chamou a viver na gratuidade da comunhão e de sua glória, assim como a participar de sua vida (cf. AG, n. 2).

2.6 Decreto *Unitatis Redintegratio*

Outro decreto fala da presença inabitante de Deus no coração humano. O modelo e o princípio deste mistério é a unidade de um só Deus na Trindade de Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (cf. UR, n. 7).

A vida cristã, vivida em comunhão com as Pessoas divinas, será o melhor meio que os cristãos podem empregar, para chegar à união de todos os irmãos, à semelhança da união trinitária. Assim, o ser humano poderá dar testemunho como pessoa amada e habitada por Deus.

“O Espírito Santo que, nos crentes, enche e governa toda a Igreja, é quem realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis e une todos tão intimamente em Cristo, de modo a ser o Princípio de unidade da Igreja” (UR, n. 2). Essa encontra a sua origem na Trindade, assim como a sua meta definitiva. É Deus Pai quem amplia o seu lugar, constituindo uma família de filhos, por Cristo encarnado, no Amor do Espírito. O Verbo humanado é quem reúne, em seu Corpo, todos os filhos dispersos, pela virtude do Espírito Santo, para conduzi-los ao Pai. O Espírito Santo vivifica o Corpo Místico de Cristo, alimentando a fé, a esperança e a caridade na promessa do Pai. “E a esperança não decepcionará, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pela virtude do Espírito Santo que nos tem sido dado” (Rm 5, 5)⁹⁸. A vida cristã, vivida em comunhão com as Pessoas divinas, será o melhor meio que os cristãos podem empregar para chegar à união de todos os seres humanos à semelhança da Trindade: porque, “quanto mais unidos estiverem em comunhão

⁹⁸ SILANES, N. Panorámica trinitaria del Concilio: In: *El misterio trinitario a la luz del Vaticano II*, p. 42-43.

estreita como o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo, tanto mais íntima e facilmente conseguirão aumentar a mútua fraternidade” (UR, n. 7). A Santíssima Trindade, portanto, aparece nos documentos do Vaticano II, como única razão de toda existência e da missão da Igreja. Os documentos querem despertar nos fiéis uma maior conscientização e vivência da vida cristã na comunhão com as Pessoas divinas.

O Magistério da Igreja, delimitando-o aqui ao Vaticano II, dentro do assunto proposto neste capítulo: *O Vaticano II e a Inabituação*, se percebe, claramente, que a Igreja ensina e incentiva os cristãos o respeito à dignidade da pessoa humana, como o lugar da revelação e da morada de Deus trino. Em sintonia com a Sagrada Escritura, os dogmas, os símbolos e o Magistério da Igreja cumprem a sua missão de ensinar, orientar os fiéis no caminho da comunhão com Deus, presente nas profundezas do seu ser.

O mistério da Inabituação passou a fazer parte da vivência de uma jovem chamada Elisabete da Trindade. A sua experiência mostra que, em todo tempo e lugar, é possível viver em sintonia com Deus, presente nas profundezas do ser humano. **É preciso, entretanto, despertar** as pessoas para a descoberta da proximidade de Deus. Deus tão próximo que anseia “estar com” o crente na essência de seu “eu”. Pela sua convivência com as Pessoas divinas, Elisabete apresenta-se com um novo guia que leva o ser humano a amar, adorar e contemplar Deus trino, como participante da vida de Deus, como filhos e filhas.

A sua experiência permanece atual na Igreja, nas comunidades e no mundo todo. Essa é e será a sua missão aqui e na eternidade: despertar as pessoas a tomarem consciência que são templos, casas vivas de Deus uno e trino e, com Ele, conviver, amar e ser amado.

3 UMA JOVEM APAIXONADA PELA TRINDADE

O mistério da presença da Trindade no ser humano foi vivenciado profundamente por Elisabete da Trindade. Consciente das graças recebidas e do trabalho que Deus realiza nela, Elisabete se pergunta: “Que posso dar-lhe em troca de tantos benefícios?”⁹⁹.

Conforme testemunhas, era irritada, de manifestações rebeldes, mas, de uma vontade determinada¹⁰⁰. Não faltava coragem à sua mãe de corrigi-la e lhe apontar as atitudes corretas diante dos contratemplos da vida. Reconhecia que Elisabete tinha uma inteligência viva e perspicaz. A pedagogia materna foi, aos poucos, moldando o modo de ser e agir da pequena Elisabete, associada ao seu desejo de mudança: “Gostaria, de prometer que serei bem ajuizada, muito obediente e que não te deixarei mais zangada”¹⁰¹.

No intervalo entre o sacramento da Reconciliação e primeira Eucaristia – 7 e 11 anos – as mudanças são visíveis, fala a sua irmã Margarida: “A partir da primeira Confissão, vimo-la mudar imediatamente. Sentimo-la tomada de Deus”¹⁰². Tocada pela graça desses dois sacramentos – Reconciliação e Eucaristia – sente-se impulsionada a viver de maneira nova e segundo o querer de Deus. Elisabete compreende que é necessário se deixar orientar e conduzir pela *Ruah*¹⁰³ divina. Reconhece que tudo do que é capaz de transformar nela é graça de Deus, o próprio Deus agindo nela. O amor transforma, aos poucos, todo ser e agir de Elisabete. Quem ama tem o coração conectado com o objeto amado, fala e age de acordo com essa conexão de amor. A participação da vida social não a desvia de seu objetivo: viver na interioridade. A sua vida interior intensa a faz voltar-se constantemente Àquele que aí habita e recolher-se em sua “casa” e nela desfrutar da companhia do morador divino. A simplicidade de vida da jovem amante mostra que a vivência do mistério da Inabituação, todo espaço físico, pode ser espaço de encontro com Deus, de modo especial, na pessoa humana. Basta entrar dentro de si e aí encontrá-lo. Atraída pela beleza da natureza, como nascente de uma espiritualidade de veneração e

⁹⁹ DEET, p. 39.

¹⁰⁰ ETVPI, p. 12 e 15.

¹⁰¹ Ibid., p.19.

¹⁰² Ibid., p. 32. Carta à sua mãe em 1º de janeiro de 1889.

¹⁰³ Em hebraico, Espírito é *Ruah* e, em grego, *pneuma*. Ambos os termos estão ligados aos processos vitais, pois significam sopro, vento, vendaval e furacão (BOFF, L. *A Trindade e a sociedade*, p. 233).

adoração ao Deus da vida, que se revela nas coisas criadas, Elisabete possui uma sensibilidade poética e artística. A leitura de suas cartas e relatos de seus passeios introduz o leitor no coração humano e sensível da jovem e o faz perceber a sua vocação contemplativa e ecológica¹⁰⁴.

Para Elisabete, a natureza a encanta, o universo é o belo santuário do Criador que, a todo instante, dá a vida às criaturas e, assim, ela exclama: “Estou apaixonada por estas montanhas que contemplo. Parece que não posso mais ficar sem elas”¹⁰⁵. Ela contempla e vê, diante de seus olhos, a fonte geradora de Vida; Aquele que fez o céu e a terra; olha, e seu olhar se une ao olhar de Deus, que admira e ama a sua obra criadora. Viver o mistério da Inabitação é perceber a presença amorosa e envolvente de Deus no universo, sem confundi-lo com seu Criador.

Mulher apaixonada pela Trindade, Elisabete deseja ser toda de Deus. Que o Pai, ao olhá-la, veja nela o seu Filho Jesus, o Verbo encarnado, transfigurada à sua “imagem e semelhança” pela ação do Espírito de Amor. Viver à semelhança da inefável Trindade, adorar a Deus por causa dele mesmo e tornar-se um incessante cântico de glória, eis o que Elisabete aspira a ser ainda aqui na terra. Ela se empenha em se esquecer de si mesma, entregar a sua vida, os seus sofrimentos, todas as privações, as alegrias e as consolações a Deus. Tudo transforma em louvor e glória à Trindade, e a sua existência, em um contínuo cântico de glorificação a Deus uno e trino.

Elisabete não é teóloga, mas, uma profetiza de Deus, que anuncia, com a sua vida de comunhão interpessoal com a Santíssima Trindade, uma espiritualidade profundamente trinitária e cósmica. Percebe a procura de Deus, que insiste em atrair todas as pessoas para o convívio com Ele. Elisabete gosta do conteúdo doutrinal de São João da Cruz que escreve para os que buscam o Absoluto¹⁰⁶.

Elisabete apresenta o rosto de Deus, espelha-se nele e toda pessoa pode, conseqüentemente, identificar-se com esse Deus vivo, palpitante, que se deixa amar pela sua criatura. É o Deus da história que caminha no meio do povo. Escolhe, como morada, lugar preferencial, o coração humano, feito para amar e, amando, torna-se o céu antecipado, o céu de Deus. Eis o pensamento de Elisabete ao longo de sua breve

¹⁰⁴ Cf. ETOC, p. 127.

¹⁰⁵ DEET, p. 35.

¹⁰⁶ Cf. SCIADINI, Fr. P. O Carmelo é o país mais belo do mundo. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*. São Paulo, n. 59.701, ano 60, n. 3, p. 25, jul./dez. 1984.

existência. Jovem, cheia de vida, amante do belo, da natureza, contempla as mínimas coisas, guarda dentro de si o segredo do amor de Deus que a move em direção ao Carmelo. Em 19 de abril de 1898, escreve, contemplando a ação criadora de Deus em seu interior: “Minha alma torna-se a sua morada, a sua propriedade, o seu reino, desde então, de misterioso santo colóquio toda minha vida lhe doe!”¹⁰⁷.

Enquanto aguarda o dia da entrada no Carmelo, a jovem frequenta o laboratório de música, passa as férias nos Alpes, na Suíça, nas montanhas revestidas de neve, recolhendo dos habitantes solitários das montanhas lendas, folclore e histórias.

Elisabete tem uma única atitude diante dessas realidades: adorar a Trindade que traz em seu ser a simplicidade e a naturalidade. Sabe escutar, no canto da água que desce do alto dos montes, a voz do amado que a chama a uma vivência de maior convivência com o morador divino presente nela: Deus Trino.

Sente-se carmelita de coração e já vive em contemplação, olhando toda criação como “santuário do amor” da presença daquele que preenche, com a sua beleza e ternura, todo o universo. Nada lhe chama mais atenção do que o desejo de comunhão íntima com a Trindade. Tudo e todos a levam a sintonizar-se com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que habitam nas profundas de seu ser. Faz e age sob o olhar divino e amoroso que a envolve, a acompanha e a Ele se abandona como criança no colo da mãe, confiando no seu amor e na sua proteção. Em meio aos afazeres, escuta o seu Deus e Senhor:

Parece-me que nada possa distrair-me dele quando não age a não ser por Ele, sempre em sua santa presença, sob o seu olhar divino que penetra no mais íntimo da alma. Também, no meio do mundo, pode-se escutá-lo no silêncio de um coração que quer ser só d’Ele¹⁰⁸.

Enquanto aguarda a entrada definitiva no Carmelo, as suas idas ao locutório considera tempo de preparação à consagração de sua vida como religiosa. Ela tem a feliz surpresa de se encontrar-se com o dominicano Pe. Vallée, que a esclarece quanto ao mistério da presença da Santíssima Trindade. Elisabete saboreia a alegria de ser fiel à etimologia de seu nome: “Casa de Deus”. Lugar de encontro, de comunhão íntima, onde dois corações pulsam de amor um pelo outro no convívio dialogal e na escuta. Como

¹⁰⁷ SCIADINI, Frei Patrício. O Carmelo é o país mais belo do mundo. In: *Mensageiro de S. Teresinha do M. Jesus*. São Paulo, n. 59.701, ano 60, n. 3, p. 27, jul./dez. 1984.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 28.

Maria, aos pés do Mestre, ouvia, contemplava e saboreava as palavras de Jesus. “Se alguém abrir a porta, entrarei e cearei com ele” (AP 3,20). Seu desejo era sentar-se à mesa de sua interioridade, estar com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, usufruindo de sua companhia, da paternidade, sentindo-se filha amada pelo Pai; alimentar-se do diálogo com o Filho, irmão mais velho que ensina a viver a fraternidade; estar com o Espírito Santo que une e faz o ser humano entrar no Amor circulante dos “Três”: “Viver de amor, num martírio de amor, para morrer de amor, num abandono total de amor na vontade divina”¹⁰⁹.

Elisabete, no Carmelo, dá continuidade, aprofundando-se, cada vez mais, na vivência de comunhão com as três Pessoas divinas. No silêncio de seu quarto, se recolhe para estar em “companhia” da Trindade. Os afazeres domésticos em nada a impedem de estar conectada ao objeto de seu amor: a Trindade Santa. Para Elisabete, tudo e todos a remetem à união e ao diálogo com Deus trino.

A Santíssima Trindade passa a ser a sua morada, o seu lar, a casa paterna de onde não deve jamais sair¹¹⁰. Não ambiciona as coisas da terra, entretanto refugia-se no “seio da tranquila Trindade”, no silêncio e recolhimento. Adora e contempla as Pessoas divinas. Esse é o desejo de Elisabete: mergulhar no oceano da vida trinitária, desaparecer para que Cristo seja reconhecido nela. “Ele quer que, onde Ele estiver, estejamos também nós, não só durante a eternidade, mas também desde essa vida, que é a eternidade começada e sempre em progresso”¹¹¹. Ela mesma confessa que, no dia que descobriu ser habitada por Deus, tudo nela e ao seu redor se iluminou, tomou novo significado. A presença inabitante de Deus permite gozá-lo, pois a beatitude, a felicidade de se absorver e imbuir-se n’Ele começam aqui na terra, mesmo sem a visão, no entanto, pela fé, esperança, amor, por possuir Aquele que se ama. Para Elisabete, estar na eternidade é, desde agora, ficar intensamente unida e identificada com Jesus Cristo, em uma constante busca de comunhão com Deus Trindade.

¹⁰⁹ SCIADINI, Fr. Patrício. O Carmelo é o pai s mais belo do mundo. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*. São Paulo, n. 59.701, ano 60, n. 3, p. 29, jul./dez. 1984.

¹¹⁰ Cf. DEET, p. 250.

¹¹¹ Ibid., p. 263.

3.1 Viver Mergulhada na Trindade

A comunhão e a interiorização são as notas características da vida de Elisabete. Dotada de capacidade de concentração e reflexão, transforma esta base humana para o convívio com o trino Deus. Em seu interior, busca a plena libertação, através do esvaziamento de tudo que atrapalha o estar em “companhia” com o seu Senhor. É a busca da plenitude, da vida em abundância, que Jesus veio dar a quem o acolhe. A sintonização de Elisabete com Deus não é intelectualização, nem uma teologização, mas, uma experiência viva. Ela mergulha para além do visível, acredita e acolhe na fé o habitante de seu interior.

No silêncio, adora Deus presente e atuante que, sem cessar, trabalha, modelando-a, conforme Jesus Cristo, o Rosto do Filho, que o Pai contempla desde sempre e para sempre. O silêncio interior ocorre na espiritualidade trinitária, segundo Elisabete, é colocar-se a serviço de Deus, viver em constante atitude teologal. É uma conquista, fruto de seu esforço e de sua graça. É um processo de purificação, de fazer silenciar as vozes que gritam no profundo do ser.

Para compreender a espiritualidade trinitária que Elisabete vive, é necessário entender a sua humanidade. Deus humaniza e diviniza os que correspondem às mudanças que deseja operar neles por meio de seu Espírito. A transformação se dá, quando a pessoa sabe criar ao seu redor uma convivência do mandamento de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12). Em Elisabete, encontra-se uma humanidade purificada. Uma sensibilidade atenta às alegrias e aos sofrimentos alheios. Uma constante doação e respeito pelos “mistérios” que Deus opera na vida das pessoas. Ela tem a sua maneira pessoal de vivenciar o evangelho: o mistério da Inabitação de Deus Trindade; o alicerce sobre o qual constrói a sua existência, a sua vida interior. É consciente de ser templo vivo de Deus, que traz em si “os Três divinos”. Todo acontecimento externo serve para Elisabete mergulhar, sempre mais, no mistério profundo da presença viva e atuante de Deus. Ela contempla¹¹², não como um instante de concentração, e, sim, em uma atitude

¹¹² Contemplação: em teologia espiritual, fase da meditação em que a pessoa se eleva ao nível do objeto ou assunto que procura absorver e aí se mantém em estado de completa receptividade em relação ao mesmo. A contemplação constitui o 4º grau do método da Leitura orante da Palavra de Deus. (MAGALHÃES, Á. *Dicionário enciclopédia brasileira* (Org.). Rio de Janeiro: Globo, 1960). Para Elisabete, contemplar é admirar, se extasiar diante da beleza da criação. É estar em sintonia com Deus presente nela (Cf. DEET, p. 35).

de busca contínua. Permanece no silêncio, adorando. A impressão que deixa é a de que vive invadida por uma torrente de águas divinas, que a levam a querer transformar todas as realidades em amor e confessa: “Sinto-o tão vivo em mim que não preciso senão recolher-me para encontrá-lo dentro de mim, e é isto que constitui toda a felicidade. Ele colocou em meu coração uma sede de infinito, necessidade tão grande de amor que ‘Ele pode saciar’”¹¹³.

Escrevendo ao Pe. Chevignard, ela confirma e deixa transparecer esta sede de amor que traz dentro de si: “parece que o sacrifício não é outra coisa senão o amor colocado em ação: Ele me amou e se entregou por mim”¹¹⁴. É no silêncio contemplativo que vai gerando em si a “imagem” do Filho amado do Pai. Lendo o seu Diário, percebe-se a sua grande preocupação missionária. Deseja que todas as pessoas, especialmente amigos e conhecidos, vivam profundamente a sua fé, se façam presentes na programação das Missões que acontecem em Dijon, durante a quaresma de 1899. Oferece-se como vítima, quer partilhar da cruz de Cristo: “Quer amar Deus por aqueles que não o amam e eu quero também reconduzir para Ele aquelas pessoas que tanto amo”¹¹⁵.

3.2 O Silêncio de Amor

Elisabete tem uma sede de amor profundo. Quer amar Deus por aqueles que o amam. Nas orações, suplica para ser uma “humanidade de acréscimo” para o Crucificado. Deseja assemelhar-se a Jesus, colocado na cruz, renunciar à sabedoria humana, abandonar-se nas mãos do Espírito, para ser modelada à semelhança do Filho de Deus¹¹⁶.

Elisabete sente necessidade de silêncio, ficar a sós com o habitante divino, falar de seu amor e de seus irmãos. A espiritualidade de interiorização não é outra coisa senão a vivência da Inabitação divina. Viver espiritualmente, conforme Elisabete, é conviver com os “Três” divinos. Procura silenciar todos os apelos e os desejos que não vêm de Deus. É

¹¹³ ETVPI, nota de rodapé, p. 66.

¹¹⁴ SCIADINI, Fr. Patrício. O Carmelo é o país mais belo do mundo. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*, n. 59.701, ano 60, n. 3, p. 29, jul./dez. 1984.

¹¹⁵ ETOC. *Diário*, 12/02/1999, p. 140.

¹¹⁶ Cf. TAVARES, S. *Trindade e Criação*, p. 258.

tão radical nesse silêncio interior que, assim, se expressa: *Niscivi*¹¹⁷, baseada na doutrina de São João da Cruz: nada mais saber. É o silêncio da inteligência. Deus está acima dos conceitos intelectuais, é a abertura completa do entendimento para ser iluminado pelo Espírito de Deus¹¹⁸. Sedenta de silêncio e solidão, busca a vida interior a partir do momento em que o Pe. Vallée lhe explica o modo como Deus está presente no ser humano: o viver em “família”, com a Trindade – este, portanto, foi o seu grande ideal.

O silêncio conduz Elisabete ao esvaziamento do amor de si mesma, para encher-se do Amor de Deus uno e trino. É o silêncio do amor. Para ela, o “calar” interior a leva ao desejo de ser “louvor de glória”: tudo fazer com a intenção de dar glória a Deus.

Viver, “a partir do interior”, é o apelo forte, irresistível, é no ambiente continuamente desejado, e Elisabete se deixa adentrar nele. Silêncio profundo que não gostaria de sair dele. Deus a convida a estar com Ele, a viver no silêncio de seu amor¹¹⁹. Como discípula e seguidora de Jesus Cristo, sabe-se profundamente amada. Coloca-se naturalmente no coração da Trindade. No silêncio amoroso do Pai, é o segredo de quem se coloca no lugar teológico do Filho. A passagem da Pessoa do Filho para o filho criatura se dá ao se compreender, como São Paulo, que “somos filhos no Filho” (cf. Rm 8,15-17; Gl 4,4-7). Colocando-se no lugar teológico do Filho, o discípulo torna-se filho no Filho Jesus Cristo. Vive a vida do Filho, imerso no silêncio, em êxodo de si mesmo, para “ouvir o silêncio ‘original’”¹²⁰.

Elisabete sente profundo desejo de anunciar esta verdade que lhe é tão cara à família, amigos e o faz através de correspondências. Nos últimos dias de sua existência terrena, dirigindo-se a uma irmã carmelita escreve, expressando a sua missão junto de Deus: “Parece que no céu a minha missão será atrair as pessoas, ajudando-as a saírem de si, para aderirem a Deus por movimento simples e amoroso, e guardá-las no grande silêncio interior que permite Deus imprimir-se nelas e transformá-las nele”¹²¹.

¹¹⁷ *Niscivi*. Nada saber nada. Nada mais saber. (DESCALÇAS, Carmelitas. (Trad.). *Obras de São João da Cruz*. v. II, p. 150; (Cf. DEET, p. 71, 73, 123 e 288).

¹¹⁸ Cf. DESCALÇAS, Carmelitas. (Trad.). Cântico, espiritual, chama de amor. In: *Obras de São João da Cruz*. v. II, p. 48 -50.

¹¹⁹ Cf. ETVPI, p. 22 e 23.

¹²⁰ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 109.

¹²¹ DEET, p. 245. Carta à Ir. Maria Odila em 28 de outubro de 1900.

Ajudar as pessoas a saírem de si mesmas, a se libertarem, com o esforço pessoal e acolhimento da graça de Deus que realiza a transfiguração, eis a sua missão junto de Deus. A sua intervenção silenciosa será a de conduzir as pessoas à libertação total; lançá-las plenamente em Cristo e levá-las à corrente de vida divina; mergulhá-las no oceano da pacífica Trindade, a partir desta vida. Elisabete lembra que é preciso ir a Deus por um movimento inteiramente simples e amoroso, pois o “nosso Deus é fogo abrasador”¹²² (Hb 12,29; Dt 4,24). Fogo que transforma em si tudo o que toca; que arde na interioridade do crente fiel. É o Espírito de Amor que une, elo unificador entre o Pai e o Verbo na Trindade. Conduz a pessoa a viver “em sociedade” (cf. 1Jo 1,3) com as três Pessoas divinas. O centro de convergência de toda doutrina espiritual de Elisabete é o silêncio interior: aquietar-se, silenciar, para ouvir o Espírito que intercede, com “gemidos inefáveis”, na essência de seu ser (cf. Rm 8,26-27). Silenciar é colocar-se, toda inteira, na escuta do Filho bem-amado que o Pai apresenta para ser escutado. Silenciar, para ouvir o “balbuciar” do Eterno em seu coração de mulher mística. Elisabete direciona os sentidos exteriores no que diz respeito às relações com as coisas terrenas. Eles devem se aquietar, para dar lugar à *Ruah* divina que sussurra palavras inaudíveis. O silêncio interior, em relação aos ruídos da interioridade, é a importância do silêncio da inteligência, da vontade que opera o grande silêncio do amor, porque é prática do querer de Deus. Esse silêncio está, em primeiro lugar, para quem anseia uma vida de comunhão com a Trindade. É amar a todos com o mesmo amor de Cristo.

O silêncio divino é a comunicação interpessoal silenciosa do Pai, Filho e Espírito Santo. Elisabete quer reproduzir, em si, esta comunicação entre ela e os “Três”. Dessa maneira, é Louvor de Glória. Deseja elevar-se acima de todo o criado; viver desnudada daquilo que impede sua transfiguração; encontrar-se inteira e chegar ao cume de seu itinerário espiritual: “Só com o Só”¹²³.

Karl Rahner define o ser humano como o ser do mistério, de modo tal, que mistério constitua a relação entre Deus e a pessoa, que a realização humana seja a realização da sua orientação para o mistério perene¹²⁴. Deus vem ao encontro do ser humano, dividido interiormente, para harmonizá-lo, como fala São Paulo: “Realmente, não consigo entender

¹²² DEET, p. 224.

¹²³ É uma divisa (lema) muito familiar às antigas Madres do Carmelo. (Cf. DEET, p. 44-45 e 302). Poderia ser comparada à “Paz e Bem” da ordem dos Franciscanos e de outras Congregações religiosas.

¹²⁴ Cf. RAHNER, K. *O dogma repensado*, p. 176 e 184.

o que faço, pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto. Ora, se faço o que não quero, eu reconheço que a Lei é boa” (Rm 7,15). Elisabete deixa-se conduzir pelo Espírito de Deus, e o seu horizonte é a busca deste mistério de amor, já que o Espírito reordena as relações humanas e com o próprio Deus.

Elisabete não ensina magistralmente caminhos espirituais. No silêncio de uma vida “escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3), ela declara que a santidade está na fé pura, em uma caridade tão divina e atual quanto possível, manifestada pela prática constante do amor, da comunhão profunda com as Pessoas divinas¹²⁵. Desta forma, a carmelita visibiliza a encarnação viva dos dons do Espírito Santo. Entra e permanece no abismo de Deus e, por conseguinte, faz tudo nele, por ele e para ele, com limpidez que a assemelha ao Ser divino. Tudo remete a Deus, em um louvor de glória incessante, na docilidade ao Espírito unificador.

Na vida e doutrina espiritual mística de Elisabete, alguns dons do Espírito Santo aparecem com bastante fulgor. Enquanto outros brilham no meio do sofrimento, dando-lhe força para suportar o verdadeiro calvário nos últimos dias da vida terrena. O cumprimento do dever exige o exercício cotidiano do dom da Fortaleza, “heroísmo de pequenez”. Qualquer leitor atento percebe nela os dons voltados à contemplação, como o dom da Inteligência e Sabedoria que a transportam para as profundezas da vida trinitária¹²⁶.

Penetrando, cada vez mais, na infinitude da divindade, perscruta as riquezas ocultas da natureza incriada: Paternidade eternamente fecundante; a geração do Verbo, consubstancial e coeterno ao Pai, deixando-se conduzir pelo Espírito Santo, nele mergulhada e iluminada pelos raios de sua luz. A ideia da eternidade lhe agrada, traz conforto, assim como a leitura do Apocalipse que descreve a vida de adoração, de glória e louvor da permanente liturgia celeste vai realizando o sonho de ser louvor de glória da Trindade. A pronta docilidade ao Espírito não deixa de se orientar e pedir conselhos ao diretor espiritual e à Madre superiora. Mais tarde, os seus correspondentes esperam a sua palavra amiga e de orientação no discipulado de Jesus. Ela coloca ao alcance de todos a vivência do mistério da Inabitação de Deus. Essa facilidade de transposição e adaptação provém do dom do Conselho.

¹²⁵ Cf. DEET, p. 198.

¹²⁶ DEET, p. 200.

Os dons da Ciência, da Inteligência e da Sabedoria fornecem a chave da vida espiritual e da mística de Elisabete: pelo dom da Ciência, opera-se a experiência do “vazio”, do seu “nada”; a descoberta da presença criadora e vivificante de Deus, Fonte de vida de toda criação. No início, a tendência de Elisabete era o desapego das criaturas, consideradas como “lixo”. É o “*Niscivi*” do último retiro. Em face das belezas da criação, a natureza é o grande livro de Deus. Ainda adolescente amava os bosques, as montanhas, a imensidão do oceano. Dela se apoderava o sentimento do infinito, do estar com Deus: “Tudo isto é o que não é, é menos que nada”¹²⁷. O dom da Ciência arranca a tudo e à própria pessoa de si mesma, para lançá-la em Deus e viver nele¹²⁸.

A contemplativa Elisabete lança o seu olhar para as alturas, como a águia que fita o sol. Em sua vida de carmelita, aparecem claros os dons da Inteligência e Sabedoria. Estes a fazem penetrar na imensidão trinitária, no íntimo das verdades sobrenaturais, que não dependem de conhecimento meramente intelectual, porém, da docilidade à inspiração do Espírito. Perceber a presença de Deus nos insignificantes detalhes da vida: “Aqui tudo fala dele”¹²⁹, referindo-se ao Carmelo. A casa e as coisas são sacramentos de Deus, sinais e a certeza de sua presença solidária e amorosa.

Pelo dom da Sabedoria, o ser humano participa em alto grau do conhecimento experiencial que Deus tem de si mesmo em seu Verbo, que dá origem ao Amor. A pessoa tem uma certa “conaturalidade” com Deus, conduzida pelo seu Espírito nas insondáveis profundezas do Amor. O dom da Sabedoria é o mais característico da doutrina e da vida de Elisabete, visto que possui o senso das coisas divinas. Ela vê, na vocação carmelitana, o meio de ser, com Jesus, “co-redentora” do mundo e glorificadora da Trindade. Sente a ambição de dar a conhecer às pessoas a felicidade da vivência da Inabitação: “Quisera dizer a todas as pessoas que fonte de força, de paz e de felicidade encontrariam se consentissem em viver nessa intimidade das Pessoas divinas”¹³⁰. A vida de Elisabete é baseada na fé no ‘Grande Amor’” (cf. Ef 2, 4). Essa é a sua visão na terra. Cada situação é uma *teofania* de Deus.

¹²⁷ DEET, p. 214.

¹²⁸ Ibid., p. 214.

¹²⁹ DEET, p. 218.

¹³⁰ DEET, p. 223. Carta de 2 de agosto de 1906.

Elisabete desaparece para dar lugar a *laudem gloriae*. Um único pensamento perpassa a sua existência: a glória da Trindade! Tudo nela é conexão, sob o impulso do dom de Sabedoria, para o louvor, para a glória e amor apaixonado a Deus trino. Apresenta Deus como Aquele que faz a sua morada na pessoa humana, tornando-a templo vivo. Ser templo da Trindade é acolher o Pai, o Filho e o Espírito Santo, é “estar com”, sintonizar as duas vontades – da pessoa e a de Deus. É acolher o Pai como filho ou filha; acolher o Filho como irmão e Mestre; acolher o Espírito Santo como guia e indicador do caminho, rumo à casa do Pai. A história do amor entre Deus e o ser humano consiste, precisamente, no fato de que a comunhão de vontade cresça em comunhão de pensamento, de sentimento e, assim, o querer humano e a vontade de Deus possam coincidir cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser estranha, imposição de fora, mas é a própria vontade do crente¹³¹.

Elisabete não oferece uma doutrina teológica trinitária, mas, uma vivência pessoal do mistério trinitário. Importante para ela é viver, fazer de sua vida “desde” Deus e “para” Deus: “Deus em mim e eu nele”¹³², fonte originária de toda vida e amor; Filho Salvador, vida “visível”; o Espírito Santificador, o engenheiro arquiteto que projeta e modela nas pessoas os traços do Filho e dá a possibilidade de dialogar com o Pai: *Abba*. Para Elisabete, o mistério da Inabitação divina é a certeza, pela fé, da presença de Deus no ser humano, o ponto central da doutrina da Inabitação e de sua vida: entrar neste “Castelo Interior”, como fala Santa Teresa de Jesus, para aí encontrá-lo e perceber os sinais de sua presença.

Elisabete empenha-se, assiduamente, na concretização de seu nome: “Casa de Deus”, habitação da Trindade. Tudo nela converge para esta realidade: é “o belo Sol radiante de minha vida. No dia em que compreendi isto, tudo se iluminou para mim, todo meu exercício consiste em entrar dentro de mim mesma e perder-me naqueles que aí estão”¹³³. Ela deixa um itinerário espiritual, na perspectiva da Inabitação trinitária, criador de comunhão, de valorização e respeito pela pessoa humana, templo vivo, morada da Trindade (cf. Jo 14, 23).

As condições imprescindíveis para a vivência desse mistério inabitante de Deus Elisabete as compreende e as pratica com todo afincamento: o esquecimento de si: “Ajudai-me a

¹³¹ Cf. DEET, p. 223.

¹³² DEET, p. 43.

¹³³ *Ibid.*, p. 49.

esquecer-me inteiramente”¹³⁴; o desapegar-se: “Oh, façamos o vazio, desapeguemo-nos de tudo; que não haja senão Ele, só Ele. Que nós não vivamos mais, mas que Ele viva em nós”¹³⁵; fazer silêncio, acalmando o turbilhão de sentimentos, para escutar a voz do Esposo que chega (cf. Mt 25,1ss). Estabelece o seu dia à luz do “grande amor” (cf. Ef 2, 4):

Sinto tanto amor em mim. É como um oceano onde mergulho e me perco: é visão na terra à espera de ver face a face na luz. Ele está em mim e eu estou nele. Só tenho de amar, deixar-me amar, todo o tempo, em todas as coisas: acordar no amor, mover-me no amor, adormecer no amor¹³⁶.

O Espírito Santo leva cada pessoa no caminho da conversão e da santificação pessoal, quando esta se deixa “conduzir” por Ele (cf. Rm 8,14), permite o Espírito agir, orar e amar nela. Para Elisabete, a vivência do mistério da presença de Deus em seu ser se resume em um contínuo relacionamento e diálogo de amor entre Deus e ela, que o acolhe na fé. Deus, conduzido pela atração que sente pela criatura humana, fala, abre o seu coração, comunica os seus segredos e dá-se a conhecer como: Deus-Relação de comunhão.

Sentir-se habitada por Deus exerce uma atração tão forte em Elisabete que ela organiza a sua vida em chave trinitária: entrar dentro de si mesma; viver no seio da tranquila Trindade; participar do amor circulante entre as três Pessoas divinas. “Há um Ser que se chama Amor que habita em nós a qualquer momento do dia e da noite, que nos pede que vivamos em sociedade com Ele”¹³⁷.

Participar da *Koinonia* trinitária, já neste mundo, é resposta pessoal à comunicação que Deus faz de si mesmo.

Acreditar e acolher aquilo que experiencia no relacionamento com Deus trino eis o segredo de Elisabete. Ela deixa transparecer a sua alegria, quando descobre o que se passa no seu interior: o mesmo movimento de amor e entrega mútua que acontece no seio da Trindade realiza-se nas profundezas de seu ser. Aconselha às pessoas de seu relacionamento a se lançarem na “fornalha de amor que nelas arde: o Espírito Santo, o mesmo Amor *ad intra* de Deus Trindade, o elo entre o Pai e o Verbo”¹³⁸. Externa o seu contentamento,

¹³⁴ DEET, p. 109.

¹³⁵ Ibid., p. 109.

¹³⁶ ETOC, p. 392.

¹³⁷ ETVPI, p. 73.

quando medita o encontro do Mestre com Zaqueu: “Desce depressa, preciso ficar em sua casa” (Lc 19,5).

“Descer”, ir ao profundo de si mesma. “É preciso que eu fique contigo”. É o Mestre Jesus que manifesta este desejo de habitar na “casa” da pessoa com o Pai e o Espírito Santo; viver no seio da tranquila Trindade, na essência do eu¹³⁹.

3.3 O Lugar Predileto da Presença da Trindade

Deus deu-se a conhecer gratuitamente, de modo especial, através do Filho Jesus, de igual natureza com o Pai e igual ao homem pela Encarnação, como aquele que santifica e leva à comunhão a pessoa com Deus criador: Espírito Santo. Deus se comunica a si próprio no Filho e por meio do Espírito Santo. Jesus é para o cristão o visibilizador de Deus, a pessoa humana repleta do Espírito que viveu totalmente conduzido por Ele. Jesus é a imagem visível que o ser humano pode contemplar e tocar (cf. Cl 1,15; 1Cor 4,4). É a autocomunicação de Deus em pessoa. Deus se comunica e se dá a entender na pessoa humana¹⁴⁰ e revela-se na história, como um Deus apaixonado pela existência, salvação e bem-estar da humanidade¹⁴¹. Deus está presente na história como aquele que é: Pai, Filho e Espírito Santo, portanto, trinitariamente.

O relato bíblico da criação destaca a dignidade humana, através do discurso de sua criação, como “imagem” de Deus, como “semelhante” a Ele (Gn 1,24ss). E como “imagem” de Deus, o texto autoriza a compreender o ser humano como um ser capacitado a uma existência relacional e dialógica.

Em Jesus, o Filho eterno de Deus se fez ser humano para introduzir a criatura humana à verdadeira liberdade da vida com Deus e com os irmãos. No relacionamento com o Pai, Jesus Cristo é o Filho, e o ser humano, novo escatológico que realiza a

¹³⁸ Cf. DEET, p. 110.

¹³⁹ Ibid., p. 111.

¹⁴⁰ Cf. SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*. 3. ed., v. I, p. 45.

¹⁴¹ SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*. 3. ed., v. I, p. 55.

condição de “imagem” de Deus do ser humano já tencionada na criação¹⁴² (cf. Gn 1,27). A existência humana de Jesus é, por conseguinte, a realização criatural do ser Filho. Elisabete intui essa realidade e, no seu santuário íntimo, procura “estar com” a Uni-Trindade. Coloca-se em uma atitude de comunhão e adoração, silenciando para ouvir os segredos de Deus, o seu mistério de amor¹⁴³. E ela mesma fala: “Ele colocou em meu coração uma sede de infinito e uma necessidade tão grande de amar que só Ele pode saciar”¹⁴⁴. Assim como a corça anseia por correntes de água refrescantes (Sl 42,1), Elisabete aprofunda-se na vivência íntima com a Trindade. Vive em sintonia com o querer do Pai e lhe pede para acalmar o seu espírito:

Ó meu Deus, Trindade que adoro [...] Pacificai minha alma, faz dela o vosso céu, vossa morada preferida e o lugar de vosso repouso. Que eu jamais vos deixe só, mas que aí esteja toda inteira, totalmente desperta em minha fé, toda em adoração, entregue a vossa ação criadora¹⁴⁵.

Elisabete sentia-se feliz em “companhia” da Trindade e de ficar em atitude de contemplação silenciosa e de adoração, porque adorar faz parte da dimensão constitutiva e imprescindível da criatura humana. Quem não adora é como se negasse a sua realidade criatural mais profunda. Adorar, como o termo evoca: “calar”, pacificar. Como fala Elisabete, é quase que “tapar a boca”, acreditando no mistério do “Totalmente-Outro”. Adorar é encher-se do Infinito habitante, entregar-se completamente a Ele na fé, no amor e saborear o fluir da vida em si mesma¹⁴⁶.

Para quem vê com “os olhos do coração”¹⁴⁷, cada realidade e cada rosto constituem-se uma *epifania* viva de Deus e de sua afabilidade. É com esses “olhos do coração” que Elisabete enxerga as pessoas, os acontecimentos e os desejos de sua interioridade. Entrega-se inteira para que a Uni-Trindade realize nela o que lhe aprover. O seu desejo é o de jamais deixar Deus, visto Ele se fazer presente na vida de muitas

¹⁴² SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*. 3. ed., v. I, p. 385.

¹⁴³ Cf. ETVPI, p. 73.

¹⁴⁴ Ibid., p. 106.

¹⁴⁵ DEET, p. 168.

¹⁴⁶ ROCCHETTA, C. *Teologia da Ternura: um evangelho a descobrir*, 2. ed., p. 54.

¹⁴⁷ “Os olhos do coração”. Esta expressão está baseada em Sm 16,7 que diz: “Não repares as aparências nem sua grande estatura. Eu o rejeito. Porque Deus não vê como os homens, que vêem a aparência. O Senhor vê o coração” (Cf. SCHÖKEL, L. A. (Org.). *Bíblia do peregrino*, p. 519).

formas, principalmente, na entrega total de si, por meio do Filho Jesus Cristo. Comunica-se e se dá a “entender” na pessoa humana, revela-se na história, como um Deus apaixonado pela pessoa, que tudo faz para a felicidade de seus filhos¹⁴⁸. Busca a ovelha perdida (Lc 15,4), coloca os pintinhos debaixo de suas asas (cf. Mt 23,37), no aconchego de seu calor paternal-maternal.

Elisabete habitua-se a mergulhar “dentro” de si, na qual a fé lhe diz da presença real da fonte da Graça. “Ele habita em nós, a fim de salvar-nos, de purificar-nos, de transformar-nos nele”¹⁴⁹. Ela deixa de lado toda preocupação e lança-se no fundo do coração, aí se entretém, embora não o veja nem o sinta. Espera estabelecer um admirável intercâmbio com as três Pessoas divinas. Habitua-se a viver na “companhia” divina, compreende que traz em si um pequeno céu, onde a Trindade de amor fixou morada¹⁵⁰.

Deus, no AT, caminhava com o seu povo, estava no meio dele, conduzia-o para o lugar prometido (cf. Ex.3,8; 13,21-22). A teologia judaica chamou a presença compassiva de Deus junto ao seu povo no deserto e no santuário de *Shekiná*. Eis o tempo da *Shekiná* habitar não só no meio do povo, mas também, em cada membro e nele instalar a sua tenda e aí permanecer. Assim como Moisés se dirigia à tenda para consultar Javé, hoje cada pessoa basta voltar o seu olhar dentro de si e encontrar a tenda de Deus, fazer-se presente com a mente, o coração e a vontade de “estar com,” porque Deus tem, como morada, a tenda predileta, a pessoa humana. Deus está em todas as coisas, tudo é habitado por seu Espírito. Não se trata de *panteísmo*¹⁵¹, entretanto, de *panenteísmo*¹⁵² e aqui se trata de “In-habitação”.

A criatura humana é o lugar predileto da Inabitação da Trindade, haja visto que, com ela, Deus entra em um intercâmbio dialógico e amoroso. Quem ama é capaz de conhecer Deus e sintonizar-se com o mistério da autocomunicação divina à criatura

¹⁴⁸ SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*, 3. ed., v. I, p. 55.

¹⁴⁹ DEET, p. 106.

¹⁵⁰ Ibid., p. 108.

¹⁵¹ *Panteísmo*. Reúne dois termos gregos: *pan* (tudo) e *theós* (Deus). Doutrina, segundo a qual só o mundo é real, sendo Deus a soma de tudo quanto existe. Por entender que todas as coisas são divinas, fazendo de Deus a soma de tudo, essa doutrina é contrária à fé cristã, a qual ensina que as criaturas são criadas por Deus a partir do nada, distinguindo-se dele (BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. v. 7, 2003, p. 155).

¹⁵² *Panenteísmo*, doutrina que diz que o universo está contido em Deus, mas Deus é maior que o universo. Todas as coisas estão na divindade, abraçadas por ela.

humana. Ser capaz de se deixar transfigurar por Ele e viver embebido do infinito amor, como fala Atos dos Apóstolos: “Nela (divindade), com efeito, que temos a vida, o movimento e o ser” (cf. At 17, 28). A humanidade está em Deus, e Deus a envolve, como o ar da atmosfera, como a água da hidrosfera, como a placenta nutridora.

A concretização mais absoluta da *Shekiná* foi a Encarnação. Em Cristo, está presente o mesmo Deus que reconciliou em si o mundo. O ser humano que está em Cristo já é uma nova criatura¹⁵³.

Elisabete da Trindade foi essa tenda que abrigou Deus Trindade. Esvaziou-se para possuir o “Tudo”. As primeiras comunidades viram em Jesus a revelação da vida íntima de Deus.

3.4 O “Tudo” e o “Nada” na Vida de Elisabete

As primeiras testemunhas perceberam, na pessoa de Jesus de Nazaré, a revelação de Deus Trindade. Em tudo, Jesus foi a expressão de amor e misericórdia. Ele não agia sozinho. Com Ele, estavam o Pai e o Espírito Santo. Foi plenamente homem, verdadeiramente humano, porque era Deus feito carne humana. Ele foi a revelação do ser e viver das Pessoas divinas *ad intra* da Trindade. Veio ao mundo para realizar a vontade do Pai e por amor solidário à humanidade. Estava sempre em sintonia com o Pai, por meio da oração e ações concretas, a tal ponto que dizia: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). O Pai era a referência absoluta da vida de Jesus¹⁵⁴.

A comunidade nascente intui a verdade da cruz e do mistério pascal, como revelação trinitária de Deus. Só se capta a extensão desse mistério, olhando para o crucificado. Esse olhar abre caminho para que os olhos encontrem Deus, que Jesus chama de Pai e o Espírito, que o moveu durante a vida terrestre.

Nos evangelhos, nos relatos da paixão, há um constante retorno do verbo “entregar”, no grego – *paradidonai*. A cruz é a experiência humana que o Filho vive: no

¹⁵³ MOLTSMANN, J. *Doutrina ecológica da criação*. 1. ed., p. 287-289.

¹⁵⁴ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*, p. 76.

fundo, desde a encarnação, a *Kénose*¹⁵⁵ faz parte da sua missão. A cruz é a consequência da vida de amor e doação ao Outro e aos outros. Judas Iscariotes, por traição, “entrega” Jesus aos adversários (Mc 14,10). Como ser humano, viveu a traição do amor. Logo em seguida, os sacerdotes o “entregam” a Pilatos (Mc 15,1), e Pilatos o “entrega” para ser crucificado (Mc 15,15)¹⁵⁶. Jesus de Nazaré é o abandonado pelos seus seguidores – discípulos, chefes religiosos do povo e o representante do poder romano. O Nazareno, além de ser entregue pelos adversários, agora Ele mesmo faz a oferta de si mesmo. O Filho entrega-se como oblação ao Pai (Gl 2,20; 1,4; 1Tm 2,6; Tt 2,14; Ef 5,2; 5,25; Lc 23,46; Jo 19,30), por amor à humanidade e a cada pessoa. O Pai faz a “entrega” do Filho (Mt 20,18; 26,2.16.45; Lc 18,32). Os autores dos quatro evangelhos e Paulo afirmam que “Jesus, o Filho, é ‘entregue’. Mostram Deus passivo por amor. A ‘entrega’ do Espírito, por parte do crucificado, do Espírito, com quem o Pai o havia plenificado”¹⁵⁷. Em Deus, o sofrimento é amor feito de atividade e passividade.

Associado à vida trinitária, o batizado faz parte da família de Deus. Deus é Pai, visto que participa a sua vida. O Filho é o irmão, o caminho. O Espírito Santo comunica o amor com o qual se amam as Pessoas divinas *ad intra* e, no mesmo amor, torna o ser humano capaz de amar e doar amor.

Pela fé, esperança e caridade, o batizado é estruturado trinitariamente e agir como tal e traz para a vida cotidiana a imagem trinitária. A Santíssima Trindade não é um mistério distante, que se perde na razão; ao contrário, está tão perto, próximo, íntimo para ser vivido na cotidianidade.

Para Elisabete, a contemplação e a vigilância assídua são o recipiente de sua vida, que nunca fica no vazio, mas permanece junto à fonte de água viva, para encher-se constantemente. Comunga com o Infinito, daí a necessidade de ficar junto à nascente: a Trindade. Beber de suas águas fecundantes. Segundo Elisabete, não há amor a Deus separado do zelo missionário; da oferta do próprio ser; do sacrifício vivido como “sacramento,” que a purifica e a configura com o Filho. Amar a cruz, conforme Elisabete, é encontrar, tanto quanto possível, a felicidade sobre a terra: “[...] confesso que sinto uma

¹⁵⁵ *Kénose*: expressão grega que significa aniquilamento e esvaziamento; é o modo pelo qual as Pessoas divinas (Filho e Espírito Santo) escolheram ao se autocomunicar na história. Opõe-se à doxa que significa o modo de glória (BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*, p. 288).

¹⁵⁶ Cf. FORTE, B. *A Trindade como história*, p. 33-40.

¹⁵⁷ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*, p. 85-86.

alegria íntima e profunda ao pensar que Deus me escolheu, para associar-me à paixão Jesus Cristo, e este caminho do Calvário, que devo subir a cada dia, parece-me mais o caminho da bem-aventurança”¹⁵⁸.

São Paulo fala de “sabedoria divina” que é a compreensão do mistério de Deus, da necessidade de ser “nova criatura” em Cristo, participando de sua morte e ressurreição. Ele diz estar feliz por sofrer, e assume a mentalidade evangélica, para pensar e comportar-se como Jesus (cf. Cl 1,24). Elisabete compreende o que Paulo fala e deseja assemelhar-se em tudo a Jesus Cristo, colocado sobre a cruz. Renuncia a “sabedoria humana”, faz um trabalho de purificação e desapego, acompanhado de um forte desejo de deixar-se inundar e desaparecer na circularidade do amor trinitário¹⁵⁹. Quer descer às profundezas da interioridade, perder-se na Trindade, esquecer-se totalmente, desaparecer, para que a Uni-Trindade seja conhecida, amada e adorada por todo ser humano. Como Jesus de Nazaré, faz a sua entrega cada dia, renovando-a, até que Deus trino seja o “Tudo” de sua vida; quer estar toda silenciosa, ser toda adorante, a fim de penetrar neste insondável abismo de Amor.

Escrevendo à Madre Maria de Jesus, antiga Priora do Carmelo em Dijon, quem ofereceu a explicação do seu nome no dia da primeira Eucaristia, expressa a sua alegria, imaginando o encontro com Deus, agora conhecido através da fé: “O que não será quando, enfim, o véu cair e pudermos gozar do face a face com Aquele a quem unicamente amamos? Enquanto espero vivo no amor; lanço-me nele. Perco-me nele [...] É o Infinito, este Infinito de quem minha alma é faminta”¹⁶⁰.

Mergulhada no mistério da Inabitação, Elisabete faz a experiência de seu ‘Nada’, isto é, de seus limites, de sua pobreza, contuo, ao mesmo tempo, do amor de Deus. Ela tem plena consciência de sua insignificância, de sua pequenez. À luz do Espírito Santo, nada fica escondido, tudo vem exposto, tudo fica iluminado. O Espírito divino conduz a criatura humana à verdade. “A proximidade de Deus, que é o ‘Tudo’, e o ‘Nada’ não pode vangloriar-se de nada”¹⁶¹. Elisabete vivenciou a sua nulidade e assim se expressa: “[...] somos muito fracas, diria mesmo que não somos senão miséria. Mas Ele bem o sabe, gosta

¹⁵⁸ Cf. ETVPI, p. 83.

¹⁵⁹ Ibid., p. 94.

¹⁶⁰ ETVPI, p. 95. Carta 10.

¹⁶¹ ETVPI, p. 100.

tanto de nos perdoar, de nos soerguer e, depois, de nos arrebatat Nele, em sua pureza, em sua santidade infinita”¹⁶². Elisabete aprendera a arte de se aproveitar das próprias fraquezas. O “Nada” que descobriu ser não a impedia de avançar firme e mergulhar no “Tudo”: Deus. Elisabete está consciente da necessidade de morrer, para ressuscitar. “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só” (Jo 12,24).

Elisabete da Trindade, com a sua vivência, torna-se um estímulo para que todo cristão viva a radicalidade de seu batismo. O desapego e o esvaziamento de si mesma a conduziram à profunda comunhão com Deus. Elisabete, no silêncio povoado de amor e contemplação, encontra a sua vocação-missão de louvor e de glória.

¹⁶² ETVPI, p. 101.

4 A GLÓRIA E O LOUVOR À TRINDADE

Elisabete, depois de experimentar o seu “Nada”, no dia 21 de novembro de 1904 – Festa da Apresentação ao Templo – as carmelitas costumavam renovar a sua consagração religiosa, após a missa matutina. E, no silêncio de sua cela, no coração de Elisabete, brotava a oração mais conhecida: “Elevação à Santíssima Trindade”, não é um tratado teológico, mas, uma oração que nasceu da intensidade do amor. Trata-se de uma oração de adoração, um cântico de louvor, de ação de graças, em especial, de adoração silenciosa do mistério que invade, imerge, que deixa o ser humano extasiado, embriagado do divino.

Na primeira parte, Elisabete se dirige ao Pai e pede para permanecer imóvel, silenciosa, simplesmente, amar e sentir-se amada como filha por esse Pai amoroso. Em tudo, quer glorificar a Deus, pela presença viva e atuante no profundo de seu ser que a faz sua morada, Templo vivo de Deus Trindade¹⁶³.

Na segunda parte da oração, já mencionada, Elisabete se dirige a Cristo crucificado, suplica passar a sua vida na escuta do Verbo eterno. Ela pede que a sua humanidade seja uma grande oferenda a Deus. E, na terceira e última parte, suplica ao Espírito de Amor que faça acontecer nela, como um novo gestar do Verbo. Conclui, invocando novamente a Trindade Santa, entregando-se totalmente à adoração e à contemplação¹⁶⁴.

¹⁶³ “Ó meu Deus, Trindade que adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente de mim mesma para fixar-me em vós, imóvel e pacífica, como se minha alma já estivesse na eternidade. Que nada possa perturbar-me a paz nem me fazer sair de vós, ó meu Imutável, mas que, em cada minuto, eu adentre mais na profundidade de vosso Mistério. Pacificai minha alma, fazei dela o vosso céu, vossa morada preferida e o lugar de vosso repouso. Que eu jamais vos deixe só, mas que aí esteja toda inteira, totalmente desperta em minha fé, toda em adoração, entregue inteiramente à vossa Ação criadora.

Ó meu Cristo amado, crucificado por amor; quisera ser uma esposa para vosso Coração, quisera cobrir-vos de glória, amar-vos... até morrer de amor! Sinto, porém, minha impotência e peço-vos revestir-me vós mesmo, identificar a minha alma com todos os movimentos da vossa, submergir-me, invadir-me, substituir-vos a mim, para que minha vida seja uma verdadeira irradiação da vossa. Vinde a mim como Adorador, como Reparador e como Salvador. Ó Verbo eterno, Palavra de meu Deus, quero passar minha vida a escutar-vos, quero ser de uma docilidade absoluta para tudo aprender de vós.

Depois, através de todas as noites, de todos os vazios, de todas as impotências, quero ter sempre os olhos fixos em vós e ficar sob vossa grande luz, ó meu Astro amado, fascinaí-me, a fim de que não me seja mais possível sair da vossa irradiação.

Ó Fogo devorador, Espírito de amor, “vinde a mim” para que se opere em minha alma como que uma encarnação do Verbo: que eu seja para ele uma humanidade de acréscimo na qual ele renove todo o seu Mistério. E vós, ó Pai, inclinai-vos sobre vossa pobre e pequena criatura, cobria-a com vossa sombra vendo nela só o Bem-Amado, no qual puseste todas as vossas complacências” (CANCIN, Atilio. *Elisabete da Trindade, Obras Completas*, p. 41-43).

4.1 Trindade que Adoro

“Deus colocou no coração do ser humano desejos imensos de infinito”¹⁶⁵. Ele está continuamente amando, com infinito amor, cada pessoa. Deus vive, ama, chama e faz a sua morada no crente que o acolhe e dele não afasta o seu olhar. Deus coloca na vontade do ser humano, o crescer em graças atuais que Ele próprio, com tanta prodigalidade, comunica a quem criou para a santidade¹⁶⁶.

Na oração-contemplação, a pessoa entra nas profundezas divinas, como se estivesse envolta pelo mistério das relações trinitárias, que tocam profundamente o ser e agir. Aquele que se coloca em atitude orante é introduzido na própria vida de Deus, em união com Jesus Cristo, pela ação do Espírito Santo¹⁶⁷.

Elisabete inicia a oração de “Elevação à Santíssima Trindade,” remetendo-se a Deus trino, o Deus dos cristãos, porque assim só pode ser: Deus Trindade.

O mistério não tem a finalidade de ser compreendido, penetrado na sua essência, mas, de ser amado, sem deixar de ser clareado pela reflexão teológica. É amar o mistério em si mesmo, em sentido histórico-salvífico, e o mistério da Santíssima Trindade é um “mistério sacramental”, isto é, um mistério que foi comunicado pelas ações, palavras, atitudes de Jesus e na ação do Espírito Santo, na história humana e na comunidade eclesial.

Elisabete nomeia Deus “Trindade” nas orações. Percebe-se que, pela fé, pela vivência, ama este mistério e, dele, vive e se nutre. Coloca-se em atitude de adoração, atitude própria da criatura humana diante do mistério do “Totalmente-Outro”. Existir quer

¹⁶⁴ Essa oração encontra-se escrita à tinta em uma folha muito fina, levemente pautada. A folha foi arrancada do “caderno pessoal” de Elisabete; a flor que fazia par com esta ainda está lá no Carmelo de Dijon. O denteado do papel encaixa, e as duas folhas apresentam as mesmas manchas de cor castanha, causadas por uma folha que Elisabete guardava nesse local; entre as duas primeiras folhas do caderno, encontram-se uma florzinha semelhante e as mesmas manchas. O autógrafo é datado, mas, sem título na décima nona linha de texto (além “JM + JT” no cimo). A edição de 1911 das *Memórias* menciona, pela primeira vez, em nota, que “esta oração da Irmã Elisabete da Trindade foi encontrada sem título nas suas notas” (CANCIN, A. *Elisabete da Trindade. Obras completas*, nota de rodapé, p. 38).

¹⁶⁵ DESCALZO, Un Carmelita. *La Inhabitacion, de Dio en el alma justa*, 3. ed., p. 22.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 56.

¹⁶⁷ Cf. FORTE, B. *À escuta do outro*, p. 79.

dizer estar em relação com Deus, ser amado por Ele. A adoração faz parte dessa autoconsciência¹⁶⁸ e reconhece que ele é Deus, o único Deus.

“Ó meu Deus, Trindade que adoro”. Adorar, no amor e com amor, é o caminho que Jesus apresenta. Diante das tentações, ele permanece fiel ao projeto do Pai: “Adorarás ao Senhor teu Deus, só a ele prestarás culto” (Lc 4,8). Jesus se prostra diante do Pai e a ele adora, com a sua vida de solidariedade com os pobres, explorados e marginalizados da época, remetendo tudo, para que o Reino do Pai se concretize.

Adoração – à medida que as Escrituras são examinadas – percebe-se que há inúmeros versículos que veiculam a ideia de adoração, a de prostrar-se ou ajoelhar-se. A palavra hebraica *hitawa* significa prostrar-se ou curvar-se. Ao ler e refletir a Palavra de Deus, descobrem-se muitos exemplos de adoração: “[...] curvando-se, Moisés para a terra, o adorou” (Ex 34,8); “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemo-nos diante do Senhor, que nos criou” (Sl 95,6). A adoração bíblica envolve tanto palavras, quanto atos. É uma postura de amor, respeito e reconhecimento da “Fonte Originária” diante da vida, das coisas criadas, de tudo que existe. Não é algo intelectual ou verbal, porém, uma atitude de todo ser humano na presença de Deus. O verdadeiro adorador é aquele que consegue apresentar ao trino Deus atitudes, atos e palavras que demonstrem um amor extremo; uma satisfação e prazer em estar diante d’Ele, do irmão, imagem e semelhança de Deus e diante de toda criação.

Elisabete enfatiza o adorar como o “desapegar-se”, o anular-se, esquecer-se de si mesma para recolher todas as suas forças e mergulhá-las no Ser trinitário. É esquecer-se, sentir-se abandonada de si mesma e consciente de ser acolhida na corrente do amor trinitário. A oração é o diálogo de Deus e com Deus no coração humano. “Mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis e aquele que perscruta os corações sabe qual o desejo do Espírito; pois é, segundo Deus, que ele intercede pelos santos” (Rm 8,26). Então, a pessoa orante mergulha na fonte única do amor, da paz, da alegria, visto que a oração cristã reza em Deus e não, a um Deus¹⁶⁹. Rezar é fazer-se “terreno do advento” do mistério de Deus presente na pessoa humana. Deixar-se amar por ele e deixá-lo agir. Cabe à pessoa ficar diante do mistério na pobreza e no esquecimento de si mesma.

¹⁶⁸ Cf. ROCCHETTA, C. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*, p. 56.

¹⁶⁹ Cf. FORTE, B. *À escuta do outro*, p. 79.

Esquecimento aqui não colocado como negação da própria identidade, no entanto significa “fixar-se” em Deus, abismar-se frente ao mistério, bem como realizar uma “simbiose¹⁷⁰ de amor”.

É permanecer na Trindade, “imóvel” que nada possa perturbar a paz, a harmonia interior, a atitude contemplativa de silêncio, de amorosa atenção aos movimentos da interioridade humana, da *Ruah* divina. Nada mais pensar, nada mais desejar, só saciar-se da fonte de vida. Ainda nesta terra, o ser humano é convidado a viver o mistério do Amor do Pai, que se dá ao Filho no Espírito Santo. Significa entrar nessa intercambialidade de amor, contemplar e saborear da intimidade da Uni-Trindade, e esta é a vocação de toda pessoa humana. Essa maneira de se relacionar com Deus é um prenúncio de eternidade. É o viver desde já, na Trindade, a origem transcendente, o berço de toda criação, de toda “existência”, é o céu aqui na terra. Dessa forma, Elisabete sente-se na presença trinitária e nada lhe falta para ser feliz¹⁷¹. Suplica, em suas orações, para ser circundada por Deus e n’Ele viver só por Ele (cf. At 17,28). Verifica-se que existem, em Elisabete, movimentos fortes de oração, mas a sua oração não se reduz a um tempo cronológico. É uma atitude existencial, eis que faz da vida uma oração. Através de suas cartas, deixa transparecer o clima em que vive: “O espírito de oração constitui a essência do Carmelo. Aqui, orar é respirar”¹⁷².

O encontro com Deus é o acontecer, o crescer, o aprofundar-se em cada instante. Cada revelar apresenta-se como novidade. Deus se comunica e se revela na proporção da disponibilidade da pessoa em acolhê-lo.

Elisabete não escreve um tratado de oração, contudo, a sublime elevação. No trecho, “Ó meu Deus, Trindade que adoro”, revela a sua maneira carmelitana de conceber a vida de oração: uma comunhão incessante com a Trindade: “Orar não é impor-se uma quantidade de orações vocais a serem recitadas cada dia, mas é elevar a alma para Deus, através de todas as coisas, é estabelece-nos numa espécie de comunhão contínua com a Trindade, simplesmente tudo fazendo sob o seu olhar”¹⁷³.

¹⁷⁰ *Simbiose* – Cooperação mútua entre pessoas e grupos. Em biologia, é a associação permanente de dois ou mais seres vivos (DE GARCIA, A. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958, p. 4678).

¹⁷¹ Cf. SCIADINI, Frei P. A Trindade que adoro, p. 43. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*. N. 59.701, ano 60, n. 3, p. 47, jul./dez. 1984.

¹⁷² DEET, p. 250.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 227.

Assim, a carmelita reúne todas as suas potencialidades, para ocupá-las, exclusivamente, no exercício do amor, em uma verdadeira sinergia¹⁷⁴. A sua vontade, aos poucos, perde-se na de Deus. As coisas terrenas não são obstáculos para Elisabete. Ela as integra no amor que tem para com o Mestre e Senhor: “Que em cada minuto eu me adentre mais na profundidade de vosso mistério”¹⁷⁵. Elisabete soube penetrar o sentido profundo das palavras de Jesus: “O reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21). O Seu carisma foi viver nas profundezas de sua interioridade, as riquezas trinitárias do batismo. Procurou viver a sua vocação contemplativa do mistério inabitante de Deus, convidando as pessoas a beberem da fonte da Água viva da vida, que permitissem ao Espírito orientar e dirigir suas vidas. Em Deus, tudo é tranqüilo. Suplica à Uni-Trindade a paz para seu coração e o coração das pessoas. A convicção pessoal que Elisabete apresenta, baseia-se na Palavra de Deus, desse Deus que nunca abandona a obra iniciada. A oração de Elisabete assume um tom íntimo e familiar com a Trindade e, ao rezar, ela pede “que jamais deixe Deus só”. Deus jamais está só, pois é comunhão, uma contínua *pericorese* entre o Pai, Filho e Espírito Santo. É o ser humano que precisa fazer-se presente a Deus; sintonizar a sua mente, o seu coração, os seus desejos e a sua vontade com Deus que habita nele e o faz o seu sacrário vivo. Deve-se aprender a contemplar o Rosto de Deus na história da humanidade e na beleza do cosmos. Quando os relacionamentos são harmônicos, todas as dimensões da vida¹⁷⁶ tornam-se, igualmente, harmoniosas. Por excesso de bondade e de amor, Deus quis encontrar as suas delícias na companhia de seus filhos. Mostrou-se no meio de sua criação:

O que era desde o princípio, o que ouvimos e o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e nossas mãos apalparam da Palavra da vida, porque a Vida manifestou-se: nós vimos e damos testemunho e vos anunciamos esta Vida eterna, que estava com o Pai e apareceu a nós para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com Filho Jesus Cristo (1 Jo 1,1-3).

O viver “em sociedade” com Deus, esta expressão tão cara à Elisabete, explica o sentido de sua prece: “Que eu jamais vos deixe só”. Estar presente ao Deus na totalidade,

¹⁷⁴ *Sinergia*: associação simultânea de vários fatores que contribuem para uma ação coordenada (Cf. HOLANDA, A. B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1971, p. 1005; Cf. DEET, p. 234.

¹⁷⁵ Cf. DEET, p. 234.

¹⁷⁶ As várias dimensões humanas como: social, política, ecológica, religiosa, cultural e econômica. (BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*, p. 149).

sem dicotomia, com todo ser. É a pessoa, no seu todo, que procura e deseja, como reza e canta o salmo: “Como a corça sedenta busca a água da torrente” (Sl 42,2).

A carmelita Elisabete é uma pessoa de fé. Recorre, constantemente, a esta virtude teologal, que se refere diretamente a Deus. A fé é a virtude pela qual se crê em Deus, em tudo que disse, diz e revelou e revela aos seus. Pela fé, a pessoa, livremente, se entrega a Deus e procura conhecer a sua vontade (cf. Rm 1,17). Crer é habitar em Deus. Na fé, experimenta-se a grandeza de Deus e a pequenez da criatura humana. É o abandono incondicional nas mãos daquele que é Amor e à sua Ação criadora¹⁷⁷:

Ó meu Deus, Trindade que adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente de mim, mesma para fixar-me em vós, imóvel e pacificai, como se minha alma já estivesse na eternidade. Que nada possa perturbar-me a paz nem me fazer sair de vós, ó meu Imutável, mas que, em cada minuto, eu adentre sempre mais na profundidade de vosso de vosso Mistério. Pacificai minha alma, fazei de o vosso céu vossa morada preferida e o lugar de vosso repouso. Que eu jamais vos deixe só, mas que aí esteja toda inteira, totalmente desperta em minha fé, toda em adoração, entregue inteiramente a vossa Ação criadora.¹⁷⁸

Elisabete dirigiu a primeira parte da oração a Deus Pai e, na segunda, a Jesus Cristo, o Crucificado por amor.

4.2 Dialogando com o Verbo Eterno

Nesta segunda parte da oração “Elevação à Santíssima Trindade”, Elisabete se dirige a Jesus Cristo, o Caminho que conduz a Deus uno e trino. Ela exterioriza o seu amor, o querer de tornar Cristo conhecido a amado pelo mundo inteiro¹⁷⁹. O Cristo que Elisabete se refere é o “Crucificado por amor”: “Oh Jesus, meu Amor, minha Vida, meu Esposo amado na tua cruz, eu te suplico, dá-me a tua cruz, pois quero partilhá-la contigo. Tu sofreste tanto por mim, agora quero consolar-te”¹⁸⁰. Jesus Cristo se deixou sacrificar em obediência ao Pai, que tanto amava e com ele viveu a sua existência humana em uma

¹⁷⁷ Cf. DEET, p. 237-238 e CEC, n. 1814, p. 488.

¹⁷⁸ ETOC, p. 40-41.

¹⁷⁹ Cf. DEET, p. 238.

¹⁸⁰ ETOC, p. 139.

perfeita harmonia de vontades. “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Tal era a união no amor e no querer entre o Pai e o Filho! Assim, Elisabete quer ser uma “esposa” para o coração de Cristo. Doa-se sem reservas, nada guarda para si; oferece-se toda ao amor do Pai. Deus a faz uma presença fecunda na comunidade eclesial: geradora de vida aos que buscam a verdade e o amor¹⁸¹. O amor esponsal é uma constante nos seus escritos e orações. Esse implica uma oferta de amor, da parte de Deus, revelada em Jesus Cristo, e uma resposta de amor, da parte de Elisabete. Ciente desta oferta amorosa, aos 14 anos, consagra-se a Deus pelo voto de castidade:

Ó meu Jesus, minha Vida, meu Amor, meu Esposo, ajuda-me. É preciso absolutamente que eu chegue a isso, a fazer sempre e em tudo e em todas as coisas o contrário da minha vontade. Jesus, divino Mestre, supremo Amor, eu vos imolo esta minha vontade. Que ela seja senão uma com a vossa. Oh, eu vô-lo prometo, prometo, farei todos os esforços para ser fiel a esta resolução que tenho sempre tomado de renunciar a mim mesma. Nem sempre isso me é tão fácil, mas convosco, minha Força, minha Vida, não está assegurada a minha vitória¹⁸²?

Na ótica cristológica de Elisabete, Cristo é o primeiro “Louvor de Glória”. Daí o seu processo de transformação espiritual em *laudem gloriae*, um processo de cristificação, que a identifica com Cristo. Para alcançar essa cristificação, ela impõe-se um programa de vida cristológico, segundo o anúncio de São Paulo: “Portanto, assim como recebestes a Cristo Jesus como o Senhor, assim nele andai, arraigados nele, sobre ele edificados, e apoiados na fé, como aprendestes, e transbordando em ação de graças” (Cl 2,6-7). O apelo de identificação com Cristo, para Elisabete, não vem do exterior, mas ela ausculta Alguém que está no seu interior, que a chama e a convida a configurar-se com ele. Pede para ser “uma humanidade de acréscimo” a Cristo, e, assim, que Ele realize, na sua corporeidade, a obra redentora e salvadora. Que o Pai, ao contemplá-la na sua situação existencial, diga: “Esta é minha filha muito amada, em quem coloquei minhas complacências”¹⁸³.

Chamar de Pai o Deus que enviou o seu Filho e o seu Espírito para o cristão parece que isto significa: viver para o Pai, à luz do que o Filho revelou e na força do Espírito Santo. Esse seguimento de Cristo no Espírito do Pai não é uma doutrina que se aprende,

¹⁸¹ Cf. SCIADINI, P. A Trindade que adoro. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*, n. 59.701, ano 60, n. 3, p. 53, jul./dez. 1984.

¹⁸² ETOC, p. 144.

¹⁸³ MIRANDA, M. F. *O mistério de Deus em nossa vida: a doutrina trinitária de Karl Rahner*, p. 218.

mas, sim, uma experiência trinitária. A experiência cristã, por excelência, é acessível a todos, fundamento da mais elevada mística cristã.

A pessoa ama a Deus, através de sua realidade humana. E Elisabete sente a sua fraqueza, sabe-se uma criatura limitada e inacabada, compreende essa realidade e aumenta a sua confiança no amor compassivo e misericordioso de Deus. Diante de sua impotência, sabe recorrer à “Fonte”, onde refaz as suas forças. Deixa-se edificar, ser a Vida de sua vida e dizer, como São Paulo: “Para mim, o viver é Cristo” (Fl 1,21). Elisabete quer adentrar-se nesse mistério tão profundo de um Deus em três Pessoas. Estar e conviver com Deus, vivenciá-lo na essência de seu ser.

Elisabete tornar-se, na medida do possível, “igual” ao Filho Jesus, pela progressiva transfiguração, *submergindo n’Ele e predegustando* a eternidade já iniciada no aqui e agora. Dirige-se a passos largos ao amor sponsal, união tão íntima e profunda, difícil de explicar, por ser uma experiência vivencial. Então, Elisabete pede que Cristo se substitua a ela em todas as suas ações, que seja um simples instrumento em suas mãos, como o vaso na mão do oleiro divino que lhe dá forma e acabamento. Não é tolher a liberdade da pessoa, porém, uma entrega livre, espontânea, para que o Verbo eterno encarnado possa amar e agir, assim como tenha nela livre acesso e plena liberdade. Deus criou o ser humano livre, respeita-o nas suas decisões e nada faz sem o querer da pessoa¹⁸⁴.

Para Elisabete, a “substituição” tem um significado profundo e missionário. Quer comunicar aos outros a sua missionariedade contemplativa, o amor e a misericórdia do Cristo ressuscitado, vivo e presente na história e na sua existência. O desejo profundo da carmelita é escutar a voz do Mestre, que a chama e quer comunicar os “segredos”, ocultos na comunidade dos “Três”. Entretanto, não basta ouvir a sua voz, e, sim, acolhê-la, amá-la e praticá-la. Elisabete foi uma palavra vivente do Pai, toda docilidade e toda escuta.

Deixou-se ensinar pelo Mestre Jesus. Para ajudá-la a olhar na direção do horizonte que aspira, nutre-se da experiência de São João da Cruz: o “Cântico Espiritual”, a “Chama Viva do Amor”, em que ele penetrou profundamente em Deus, e as Cartas de São Paulo, confessando: “O que Ele me ensina interiormente é inefável”¹⁸⁵. Pode-se dizer, sem medo de exagerar, que Elisabete foi discípula-ouvinte do Verbo. É a atitude de quem caminha

¹⁸⁴ Conforme Santo Agostinho, liberdade é o poder de usar bem o livre-arbítrio. A possibilidade de fazer o mal é inseparável do livre-arbítrio, mas o poder de não fazê-lo é a marca da liberdade (OLIVEIRA, N. A. (Org.). *Santo Agostinho: livre-arbítrio*. 5. ed., p. 18.

¹⁸⁵ DEET, p. 240.

para a santidade, aprender a colocar-se, como Maria, aos pés de Jesus, beber da sua sabedoria, de seu amor. Para quem foi seduzida por Deus, tudo entrega, tudo perde, nada conserva para si, contudo busca possuir a plenitude: o Deus trino.

Uma longa e oculta experiência de sofrimentos, de aparentes “ausências” de Deus, estão escondidas nestas simples palavras: “Que as almas de oração não procurem Deus no caminho das consolações, mas, na nudez da fé e do despojamento absoluto. Permaneçam fiéis através de todas as noites, de todos os vazios, de todas as impotências”¹⁸⁶. Pede para ter “os olhos fixos n’Ele e permanecer em paz sob a grande Luz”¹⁸⁷. Deixar-se atrair cada vez mais pelo Verbo, fascinada pelo Deus Amor¹⁸⁸.

Elisabete sente-se imersa no amor infinito de Deus. Ele é a sua vida, o seu “Tudo”. Nada mais procura e deseja fora deste Amor¹⁸⁹.

Na terceira parte da oração, Elisabete dirige-se ao Espírito Santo. O fogo abrasador que aqueceu a entrega total de sua vida.

4.3 Súplica ao Fogo de Amor

O Espírito Santo, na Trindade, é o Amor pessoal do Pai e do Filho, no qual Deus se ama a si mesmo e toda a criação. Com a oração de “Elevação à Santíssima Trindade”, Elisabete desperta as pessoas para o que acontece no íntimo de quem acolhe a força santificadora do Espírito e a sua ação fecundante. É preciso receber a Palavra, fecundá-la e torná-la vida. Quando alguém se abre à ação fecunda do Espírito, acontece uma “Encarnação do Verbo”. Assim falava o Pe. Fages, ao concluir o retiro no qual pregava às Irmãs Carmelitas, cujo tema era: “O Espírito Santo descera sobre vós” (cf. Lc 1,35). A cena da Anunciação:

O Espírito de Deus, vindo sobre mim, como desceu sobre o caos do mundo, como sobre a Virgem Maria para nela gerar Nosso Senhor. Quereis que o Verbo viva em vós, quereis que a Encarnação dê frutos em vós? Não há dois meios. O

¹⁸⁶ DEET, p. 241.

¹⁸⁷ Ibid., p. 241.

¹⁸⁸ Cf. SCIADINI, P. A Trindade que adoro. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*, n. 59.701, ano 60, n. 3, p. 57, jul./dez. 1984.

¹⁸⁹ Ibid., p. 58.; Cf. DEET, p. 242.

Espírito Santo fez nascer e crescer o Filho de Deus no seio de Maria, pois bem, é ele ainda que o fará viver e crescer em vós¹⁹⁰.

Assim como a experiência do Espírito Santo, feita pela comunidade primitiva, que a levou a reconhecer e a confessar a plenitude humano-divina da pessoa de Jesus Cristo, agora, esta vivência deverá ser repetida por todo cristão. É na experiência do Espírito e no discipulado de Jesus Cristo que o batizado vive a longa caminhada para o Pai¹⁹¹.

O Espírito de amor é invocado como “Fogo abrasador” (Hb 12, 29; Dt 4,24), e Elisabete expressa o mesmo desejo e pensamento ao invocar o Pai e o Espírito Santo, prova que o desejo de transfiguração em Cristo possa ocupar o centro dessa oração essencialmente trinitária¹⁹².

Viver a partir do Espírito de Deus é aceitar a vida como presente, dar espaço a outra vida, relacionar-se, deixar-se libertar e libertar as demais pessoas, esperar a comunicação de Deus, não obstante todo o engajamento. Pode-se considerar uma espécie de fórmula abreviada disso a seguinte frase da quarta oração eucarística: “[...] a fim de que não mais vivamos para nós, mas, para Ele, que por nós morreu e ressuscitou, enviou de vós, ó Pai, o Espírito Santo, como primeiro dom aos vossos fiéis, para santificar todas as coisas, levando à plenitude a sua obra”¹⁹³. Tal é o desejo de identificação que Elisabete pede “uma humanidade de acréscimo”, isto é, que Cristo possa perpetuar nela a sua vida de reparação, de louvor, de adoração. “Eu lhe pedi vir a mim como Adorador, como Reparador e como Salvador”¹⁹⁴. Enamorada do mistério de Deus, inserida, ao mesmo tempo, na história do ser humano, deseja participar dos sofrimentos da humanidade, porque “contemplar” não é esquecimento da dramaticidade de milhões de pobres e injustiçados. O contemplativo é o grito de esperança em um mundo, às vezes, sem esperança. A proximidade de Deus faz sentir, ainda mais, os sofrimentos dos irmãos. O amor levar a assumir as suas alegrias e as suas tristezas, eis que a sensibilidade vai se

¹⁹⁰ ETOC, p. 43, nota de rodapé.

¹⁹¹ Cf. MIRANDA, M. F. *O Mistério de Deus em nossa vida: a doutrina trinitária de Karl Rahner*, p. 218.

¹⁹² Cf. DEET, p. 242.

¹⁹³ SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*, 3. ed. v. I, p. 490.

¹⁹⁴ DEET, p. 242.

refinando no encontro cotidiano com Deus¹⁹⁵. “E vós, ó Pai, inclinai-vos sobre a vossa pobre e pequena criatura, cobri-a com vossa sombra, vendo nela o Bem-Amado, no qual pusestes todas as vossas complacências”¹⁹⁶.

A presença do Filho querido do Pai na pessoa humana torna-a agradável a esse Pai, que se inclina sobre ela, para contemplar o próprio Filho que vive nela. Contemplar é deixar-se olhar, entregando-se por completo Àquele que molda o crente, segundo a sua vontade e ser uma manifestação de amor no meio do povo.

Elisabete conclui a oração de “Elevação à Santíssima Trindade,” manifestando a sua profunda contemplação, dando a compreender a progressiva e constante caminhada para “estar em” Deus uno e trino, na essência de seu ser. Ela se entretém com Ele, visto que o Amor une, transforma e habita na sua interioridade.

Ó meus ‘Três’, meu Tudo, minha Beatitude, Solidão infinita, Imensidade onde me perco, entrego-me a vós qual uma presa.
Sepultai-vos em mim para que eu me sepulte em vós, até contemplar em vossa luz o abismo de vossas grandezas¹⁹⁷.

A fé cristã é, especificamente, trinitária. Deus centro da fé cristã é Trindade e a maior graça é viver em Deus, de acordo com e para Deus trino. Toda experiência e prática cristã são vividas na graça da relação com a Uni-Trindade¹⁹⁸. Elisabete procura, desta forma, viver intensamente essa realidade. Tudo nela transparece fé profunda, relação de comunhão intensa e entrega total aos “Três” divinos. Perde-se na infinitude do amor de Deus, e a doutrina trinitária ajudou-a a entender o ser humano como ser relacional, voltado para a intimidade de si mesmo, exposto à abertura para Deus, para os outros e ao mundo¹⁹⁹.

Deixar-se levar, como o barco à deriva em alto mar, entregar a condução da vida à *Ruah* divina, exigiu de Elisabete entrega incondicional, uma resposta cotidiana, uma renovação constante de sua adesão ao Amor Absoluto. É a atitude de quem ama e se deixa

¹⁹⁵ SCIADINI, Patrício. A Trindade que adoro. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*, n. 59.701 ano 60, n. 3, p. 59, jul./dez. 1984.

¹⁹⁶ DEET, p. 243.

¹⁹⁷ ETOC, p. 44.

¹⁹⁸ Cf. BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*, p. 132.

¹⁹⁹ Cf. *ibid.*, p. 139.

amar. Com essa entrega, Elisabete convida todo crente a tomar consciência de sua consagração batismal e a vivenciá-la pela oração, contemplação e serviço aos irmãos.

“Sepultar-se” em Cristo, isto é, total escondimento de si, silêncio de todas as faculdades para “estar com” Aquele que, primeiro, se sepultou nela, em uma atitude de profunda adoração, acolhendo Deus como o seu Absoluto.

Elisabete, nessa oração de “Elevação à Santíssima Trindade,” apresenta um programa de vida para quem pretende iniciar esse itinerário espiritual e começar o seu céu aqui na terra.

4.4 O Céu na Terra é Possível

A oração “Elevação à Santíssima Trindade” indica um caminho na fé, no discipulado de Jesus, esvaziamento de si mesma para que Deus seja “Tudo” em seu “Nada”.

Elisabete fala de sua vocação no céu que será continuação da mesma começada aqui na terra: ser *laudem gloriae*. Glória é uma categoria bíblica que passa por transformações desde a antiga aliança até a Encarnação do Verbo, na nova aliança: “[...] e nós vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). A pessoa que crê e ama torna-se “louvor de glória” da graça de Deus (Ef 1,6). Quem rende glória ao Pai o faz pelo Filho no Espírito Santo; quem segue a Cristo o faz porque o Pai o atrai (cf. Jo 6, 44) e o Espírito Santo o impulsiona para o encontro (cf. Rm 8,14).

Dar glória à Trindade eis o fim último de toda santidade, já que tudo vem da Trindade e tudo volta a Deus Trindade. Como diz um belo canto: “Tudo vem do Amor, tudo volta para o Amor, buscando a comunhão, certeza e ação”²⁰⁰. Jesus, desde o primeiro instante de sua vida humana, realizou, com perfeição, esse programa de glorificação divina, quando disse: “Eu não procuro a minha glória” (Jo 8,50). O termo de toda santidade aqui na terra é “a glória da Trindade”. Elisabete, em suas cartas, retiros e diário espiritual, repete constantemente, dizendo: “Parece-me ter encontrado o céu na terra, pois o céu é Deus e Deus está em minha alma. No dia que compreendi isto, tudo se iluminou

²⁰⁰ Livro de cantos ao uso da Congregação das Irmãs Servas da SSma. Trindade. *Cantando à Trindade*. Canto n. 8, p. 05.

para mim e quisera dizer este segredo, baixinho, àqueles que amo”²⁰¹. Santo Agostinho indica outro modo de amar e glorificar a Deus, quando diz: “Viver de Deus e para Deus”²⁰². Por meio de tudo, amar a Deus, para Deus. Deus, o primeiro a ser servido. A pessoa libertada de si mesma começa uma vida deiforme²⁰³. Sua fé mostra-lhe todas as coisas à luz do Verbo. Pela esperança, parece já estar na Trindade; e pelo amor, tão intimamente unida a Deus trino, que nada mais deseja e atrai. Elisabete aspira ser uma vontade invencível a prestar honra e glória a Uni-Trindade, que não deixa de ser uma visão antecipada do céu. É preciso viver em estado “deiforme”, em união com a Trindade. Cada dia conhece mais a quem ama, e a Ele se entrega.

Conhecer, criar comunhão, é identificar-se com o conhecido: que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3). No encontro com o enviado do Pai, verifica-se o conhecimento, e, deste modo, torna-se vida. A vida eterna é um fato relacional começado na existência terrena²⁰⁴.

A descoberta de seu nome-missão *laudem gloriae* acontece de maneira singular. É na simplicidade, na pequenez das coisas e situações que Deus se revela. São raros os dias, no Carmelo, que as Irmãs possam se visitar em suas “celas”. A permissão é dada para partilhar as reflexões, as orações, bem como as descobertas, e as irmãs se animam mutuamente na vivência da vocação contemplativa. Foi durante um desses encontros que Elisabete intui o seu novo nome, quando a irmã que a visitou lhe fala do versículo da carta de São Paulo aos Efésios 1,12: “Deus criou-nos para o louvor de sua glória”. Encantada, ao voltar à cela, procura essa passagem, mas, não a encontra. Volta à cela da irmã para saber onde encontrá-la²⁰⁵. Para ser “louvor de glória”, é preciso morrer a tudo que não é Ele; esquecer o que ficou para trás, avançar e se aproximar do que vislumbra no horizonte (cf. Fl 3,13). A partir de agora, o leito de dores Elisabete transforma-o em altar de

²⁰¹ DEET, p. 81, e Cf. SCIADINI, P. O Carmelo é o país mais belo do mundo. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*, n. 59.701, ano 60, n. 3, p. 34, jul./ dez. 1984.

²⁰² SANTO AGOSTINHO. In: DEET, p. 115.

²⁰³ Deiforme – processo pelo qual passa o cristão em sua obra de salvação. Em teologia da graça, refere-se ao modelo próprio da teologia oriental, que é otimista, pois mais do que insistir no pecado do qual o ser humano deve ser justificado, acentua a obra de divinização que Deus realiza na vida dos fiéis (Cf. BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*, p. 153).

²⁰⁴ Cf. RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*, p. 85.

²⁰⁵ Cf. DEET, p. 116.

oferenda a Deus. Em tudo, só busca ser um contínuo “louvor”, e tudo mais lhe parece sem importância.

Elisabete – a casa de Deus – escondida nas profundezas de si mesma, se entretém com o habitante divino. *Laudem gloriae* expressa a preocupação exclusiva da glória divina, porque só Deus é digno de louvor e glória. Tenta harmonizar pensamentos, desejos e vontade, transformando tudo em hino de louvor de glória, como diz a canção: “Glória a Deus Trindade que primeiro nos amou. Deus comunidade que em Jesus se revelou. Viver e conviver em comunhão. Glória, glória, aleluia, eis a nosso vocação”²⁰⁶. Elisabete gostava de música e era pianista. Se este canto existisse no tempo dela, certamente o cantaria constantemente, para ajudá-la a realizar a sua missão. O Pe. Vallée, quando soube de sua morte, escreve à senhora Catez:

Deus acaba de configurá-la com Jesus Cristo na cruz. Ela não tinha, senão, o desejo de identificar-se com o divino Crucificado por amor. Aquele que foi perfeito louvor de glória aos olhos do Pai. Vivo no céu da fé, no centro de seu interior, procura o Mestre feliz, sendo desde esta vida o louvor de sua gloria²⁰⁷.

O nome, louvor de glória, é o traço mais característico da missão de Elisabete da Trindade. Faz perceber a progressiva vivência da graça batismal – a casa de Deus – para o louvor de glória. É missão de Elisabete introduzir as pessoas no íntimo de si mesmas, a fim de obrigá-las a saírem pelo amor e o louvor glória²⁰⁸.

As linhas, mestras da espiritualidade trinitária, são aqui encontradas: as ideias fundamentais de sua vida de comunhão com a Trindade; a maneira como Elisabete conhece a sua missão de “louvor de glória”, ou seja, silêncio, despojamento absoluto, amor à Trindade, culto da vontade divina, identificação com o Cristo Crucificado, sob a luz da glória da Santíssima Trindade. O louvor de glória é uma pessoa de silêncio. Era preciso ignorar tudo, despojar-se de tudo e de si mesma, estar pronta para vibrar, se alegrar e a sofrer aos sopros da *Ruah* divina. Deveria seguir o *Nescivi*, “nada mais sei, nada mais quero saber, senão conhecê-lo, comungar em seus sofrimentos, conformar-me

²⁰⁶ DIOCESE DE CAXIAS DO SUL. *Canções da vida*. Caxias do Sul: São Miguel, 2002, ct. n. 65, p. 25.

²⁰⁷ DEET, p. 119.

²⁰⁸ Cf. DEET, p. 120-121.

com a sua morte”²⁰⁹. Para cumprir a missão que terá na eternidade, exercita-se desde essa vida, eternidade começada em constante progresso. Elisabete recolheu-se em sua interioridade, na unidade de suas potências, toda entregue ao louvor para a glória da Trindade. Ela procura esvaziar-se, permanecer no “Nada”, condição para possuir o “Tudo”.

O Pai manifesta ao Filho a própria glória. “No Verbo, imagem e esplendor de sua glória, resplandece o Pai; o Verbo, por sua vez, manifesta ao Pai tudo o que ele é. Nele, o Pai e o Filho conhecem o Amor eterno que os une. Tal a glória essencial de Deus, glória íntima, intratrinitária, que é o Verbo”²¹⁰.

A criação nada acrescenta a esta glória infinita. Tudo o quanto pode vir de fora é acidental para nossa felicidade. “Meu Pai é glorificado, quando produzis muito fruto e vos tornais meus discípulos” (Jo 15, 8). Deduz-se que, quanto mais “frutos bons” a pessoa produz, mais glorifica a Deus. Neste sentido, o Verbo humanizado é o mais perfeito louvor de glória, porque sempre agradou o Pai em tudo.

Elisabete compreende que deve ser santa, eis que a glória de Deus está intimamente ligada à santidade e para melhor desempenho de sua missão de *laudem gloriae*. Deus é glorificado, à medida que vê refletida, no rosto da pessoa humana, a imagem do Rosto do Filho amado. Transfigurada nessa imagem, a criatura humana torna-se um incessante louvor de glória do Ser divino que nela contempla. Atraída para alçar voos mais altos, Elisabete procura modelos de “louvor de glória”. Influenciada pela leitura do Cântico Espiritual e da Chama Viva de Amor de São João da Cruz, nos últimos dias de sua vida, a visão beatífica torna-se uma constante em seus pensamentos. “Meu Mestre não me fala de outra coisa que de eternidade”²¹¹. Conforma a sua vida a dos bem-aventurados, para cumprir a sua missão de *laudem gloriae*. Imitar a ocupação dos bem-aventurados e ser adoradora do Amor são outros sentimentos que animam Elisabete: “Digno és tu, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, pois tu criaste todas coisas; por tua vontade, elas existem e foram criadas” (Ap 4,11). Elisabete contempla Jesus crucificado para se configurar a Ele, que a leva à conformidade com sua morte²¹², pois um louvor de glória é essencialmente

²⁰⁹ DEET, p. 123.

²¹⁰ Ibid., p. 124-125.

²¹¹ Ibid., p. 126.

²¹² Cf. ibid., p. 129.

crucificado, por amor. No céu de sua interioridade, procura viver o desabrochar pleno de sua vocação de “Casa de Deus” para a vocação suprema de louvor de glória. O fogo devorador vai operar a feliz transformação de que fala São João Cruz: “Um parece o outro, e ambos são apenas um”²¹³, para o louvor de glória do Pai.

O texto de São Paulo aos Efésios, que muito impressionou Elisabete, é a passagem do sentido mais profundo da predestinação do ser humano em Cristo. Fomos feitos a sua herança, para sermos o louvor de sua glória (cf. Ef. 1,12). Como realizar esse sonho do coração de Deus? E como corresponder à vocação, tornando-se louvor de glória da Santíssima Trindade? Um louvor de glória é uma pessoa que ama, que se entrega, plena e apaixonadamente, até querer somente a Deus e nada mais. É alguém que vive do silêncio, que contempla Deus na fé e simplicidade – é um espelho que reflete a imagem de Deus. É o ser humano que permite que Deus trino satisfaça nele a necessidade de comunicar o que Ele é. Um louvor de glória é uma pessoa sempre em ação de graças, e tudo nele é um eco do louvor eterno que, no céu das profundezas de seu ser, começa a sua missão de eternidade.

²¹³ DA CRUZ, S. J. Cântico espiritual. In: *DEET*, p. 133 e 299.

CONCLUSÃO

Esta dissertação se propôs procurar orientações e pistas para a resposta à pergunta: É possível viver o mistério da Inabitação divina nos dias de hoje? Por que é tão pouco falado na evangelização? Essas orientações e pistas aforam buscadas nas Sagradas Escrituras, nos símbolos da fé, no Magistério da Igreja, restringindo-se ao Concílio Vaticano II, na vivência de Ir. Elisabete da Trindade, através de seus escritos, que não tinham a pretensão de aprofundar, pela reflexão, esse mistério. Elisabete colocou no papel, através de cartas, diário espiritual, orações e retiros, a vivência profunda do mistério da Inabitação na cotidianidade da vida. Iniciou-se, então, este trabalho, dando a conhecer um pouco da vida de Elisabete, de sua experiência no ambiente familiar, na comunidade de fé e na sociedade.

Para Elisabete, tudo foi motivo de encantamento e contemplação. Remetia os seus desejos, pensamentos e amor Àquele que tudo criou, cria e vivifica. Ir. Elisabete da Trindade viveu a radicalidade do batismo no seguimento de Jesus Cristo, nas alegrias, nas dores e nos contratemplos de sua curta existência. Seguindo os seus passos, ficou evidente que a sua vida foi uma constante busca de comunhão, adoração e contemplação do morador divino, nas profundezas de seu ser, portanto, do mistério da Inabitação. Elisabete, habitada pelo Amor, não pode deixar de viver nessa chama, onde ardia aquele desejo forte que a impulsiona a submergir no Amor. Era preciso desaparecer, transforma-se nesse Amor, como imagem perfeita do Filho amado do Pai: Jesus Cristo. A jovem carmelita, apaixonada pela Trindade, tomou a firme e irrevogável decisão de amar a Deus e aos irmãos, com o mesmo amor da Trindade, por ser este o único coração que nunca cessa de amar, ama totalmente, eternamente toda criatura humana.

O ser humano busca o horizonte último e não pode se satisfazer com o penúltimo, com aquilo que antecede ao que é definitivo. Elisabete, de fato, não se contentou em viver

e parar no “anteceder”. Caminhou em direção ao horizonte definitivo: a Trindade, o ponto culminante de toda vida cristã.

Destacamos que o mistério da Inabitação não é uma doutrina abstrata. A procura do ser humano é atitude concreta que se visibiliza no cotidiano, nas relações e nas escolhas. Elisabete não foi uma teóloga, mas os seus escritos brotaram da terra fértil da experiência. Assim se pode dizer que o mistério da Inabitação é possível de ser vivido nos dias de hoje, na simplicidade e cotidianidade da existência humana. A agitação e o dinamismo do século XXI não impedem a vivência do mistério da presença de Deus no ser humano. Em todo tempo e lugar, ele é morada de Deus e lhe é propiciado a entrar no intercâmbio de amor com os “Três divinos”.

Elisabete deixou uma mensagem para sua superiora: “Deixa-se amar”²¹⁴. É uma mensagem atual. As pessoas têm urgência de amor, de amor autêntico e verdadeiro, aquele que só Deus pode dar: o amor, o respeito pela dignidade da pessoa, templo vivo da Trindade Santa. A pessoa amante pode tornar o mundo em um mundo de paz, de amor, de cuidados pela vida humana e pela vida do planeta.

Jesus Cristo está no centro da história, justamente, na medida em que veio trazer o amor. Mostra, com as suas atitudes e ações, o início de uma nova maneira de se relacionar com Deus, com os irmãos e com o planeta terra. Tal relação está baseada na capacidade da pessoa em acolher e doar amor.

A presença da Trindade, a comunicação das Pessoas divinas, a busca de “companhia” permanente com Deus exigiram de Elisabete atitudes fundamentais da vivência cristã e de íntima comunhão com as Pessoas divinas: em relação ao Pai, confiança, adoração, louvor, intimidade, colocando-se em uma atitude filial; em relação ao Filho, a incorporação, a comunhão, a configuração, o anúncio de seu Evangelho, ser aprendiz e discípulo de Jesus; em relação ao Espírito Santo, a docilidade, a escuta, a liberdade, a fidelidade a esse Espírito, que vem ao encontro da pequenez humana e suscita o diálogo com o Pai; fortalece a comunhão com o Filho e confirma, para a fidelidade criativa da missão. Essas atitudes de vida cristã são plasmadas na vida e nos escritos de Elisabete. Cada uma das Pessoas divinas tem o seu influxo singular na vivência plena da graça batismal. Elisabete da Trindade viveu 26 anos, e “a Igreja a beatificou no dia 25 de novembro de 1984. O Papa João Paulo II reconheceu oficialmente a sua espiritualidade,

²¹⁴ ETVPI, p. 116.

como guia seguro e sólido nos caminhos da santidade”²¹⁵. Para Elisabete, a Trindade foi morada, lar, casa paterna, de onde não queria jamais sair. Todos os seus movimentos interiores foram dirigidos a Deus: ao Pai, eternamente amado; ao Filho, o Crucificado, por amor que desejou a Ele configurar-se; ao Espírito Santo, deixando-se levar, pelo seu sopro suave, à mística trinitária. O Batizado é chamado a ser verdadeiro adorador do Pai, discípulo e missionário de Jesus Cristo, e a deixar-se conduzir pelo Espírito de Amor. Para quem conheceu a pouca cultura teológica de Ir. Elisabete da Trindade, não pode deixar de causar admiração as páginas profundas e luminosas que legou à Igreja sobre o mistério da Inabituação divina. A sua vivência contemplativa foi, com naturalidade e simplicidade, verificada na cotidianidade da vida. Mostrou que essa vivência é possível nos dias de hoje, porque é do lugar em que a pessoa se encontra que acontece o relacionamento com a Trindade. Basta olhar para dentro de si, para encontrar Deus. O teólogo atento conclui que este conhecimento é explicado pela vivência, assim como Elisabete o fez: comunicou a sua vida de convivência com Deus e a sua experiência com os meios que estavam ao seu alcance: cartas, diário, retiros, conversas e, de modo especial, por atitudes e ações.

A experiência do Mistério é a última experiência do ser humano, experiência que o transcende. Nele flui uma torrente de bondade, palpita uma profundidade misteriosa, irrompe um além que constitui a permanente diafonia de Deus no mundo. Por isso, o ser humano assoma como o maior sacramento de Deus. Daí provém toda a sacralidade da pessoa humana²¹⁶; “lugar e manifestação encarnada do Deus, e o seu evento de doçura na história da humanidade”²¹⁷ – daí toda respeitabilidade afirmada por Cristo entre o amor ao próximo e o amor a Deus.

Esta proposta é para agora e que todos olhem o modelo perfeito e acabado: a Comunidade Trinitária – Pai, Filho e Espírito Santo. Tão-somente à luz da vida comum das três Pessoas divinas, é possível uma vida de intercomunhão autêntica e de diálogo fecundo entre as pessoas. *Através do fazer* profundo silêncio para escutar o diálogo entre o Pai e o Filho, inspirado pelo Amor, alimentado pelo Amor e fecundo no Amor, pode-se introduzir e ser intérprete autêntico da vida de comunhão dos Três divinos, cuja

²¹⁵ DEET, p. 10.

²¹⁶ BOFF, L. *Experimentar Deus*: a transparência de todas as coisas, p. 80-81.

²¹⁷ *Ibid.*, p.79.

semelhança fomos criados²¹⁸. Diante da real presença de Deus no ser humano, o respeito, o cuidado e admiração pela grandeza da pessoa, morada viva do Deus uno e trino!

Glória ao Pai, pelo Filho no Espírito Santo. Amém!

²¹⁸ SILANES, N. *O dom de Deus, a Trindade em nossa vida*, p. 290.

REFERÊNCIAS

BINGEMER, M. Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. São Paulo: Siquem e Paulinas, 2003.

BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Mística e espiritualidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. *A sociedade e a Trindade* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis/São Paulo: Vozes e Loyola, 1993.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Batismo: fonte de todas as vocações*. Porto Alegre: Regional Sul III, 2003.

DE GARCIA, Amílcar. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

DESCALÇA, Carmelita. *Elisabete da Trindade: Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DESCALÇAS, Carmelitas. Obras de São João da Cruz. In: *Cântico espiritual, chama viva de amor*. Petrópolis: Vozes, 1960. v. II.

DESCALZO, Un Carmelita. *La Inhabitacion de Dio en el alma justa*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1965.

DI BERARDINO, Pedro Paulo. *Elisabete da Trindade: viver a partir do interior da alma*, 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

EICHER, Peter (Org.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

FELLER, Vitor Galdino. *Mundo jovem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história. Ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *Introdução à fé. Aproximação do mistério de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *À escuta do outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

FRIGERIO, Tea. Re-encantar-se no princípio. In: *Convergência*, 2009.

GAMARRA, Jose. Perspectiva trinitaria del decreto sobre el ecumenismo en su aspecto pastoral. In: *El misterio trinitario a la luz del Vaticano II*. Salamanca: Secretariado trinitário, 1967.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*, 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1970.

KUNRATH, Pedro Alberto. Comunicação (comunhão) pessoal de Deus com o homem. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

LA PEÑA, J. R. Ruiz. *O dom de Deus: antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LACOSTE, Jean Yves (Dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

LEÃO XIII. *Carta Encíclica Divinum Illud Munus*, 1897.

LUBICH, Chiara. *Palavra de vida*. São Paulo: Cidade Nova, 1997.

MAGALHÃES, Álvaro (Org.). *Dicionário enciclopédico brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1960.

MAGDALENA, Gabriel de Santa Maria. *Intimidad divina*. Burgos: El Monte Carmelo, 1963.

MIRANDA, Mário França de. *O mistério de Deus em nossa vida: a doutrina trinitária de Karl Rahner*. São Paulo: Loyola, 1975.

MOLTMANN, J. *Doutrina ecológica da criação*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, Nair de Assis (Org.). *Santo Agostinho: o livre-arbítrio*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

PHILIPON, M. Michel. *Doutrina espiritual de Elisabete da Trindade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1988.

RAHNER, Karl. *O dogma repensado*. São Paulo: Paulinas, 1970.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011.

- ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um evangelho a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2006.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Revelação e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1968.
- SCIADINI, Patrício. A Trindade que adoro. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*. São Paulo, 1984.
- _____. O Carmelo é o país mais belo do mundo. In: *Mensageiro de Santa Teresinha do M. Jesus*. São Paulo, 1984.
- SCHNACKENBURG, R. *El evangelio según Jean*. Barcelona: Herder, 1980. v. III.
- SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual dogmática*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v. II.
- SCHÖKEL, Luís Alonso (Org.). *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SILANES, Nereo. Panorâmica trinitaria del Concilio. In: *El misterio trinitario a la luz del Vaticano II*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1967.
- _____. *O dom de Deus: a Trindade em nossa vida*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SÍNODO DOS BISPOS. IX ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA. *A vida consagrada e a missão na Igreja e no mundo*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- SUSIN, Luiz Carlos. *A teologia para um outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *A criação de Deus*. São Paulo: Siquem e Paulinas, 2003.
- TAVARES, Sinivaldo. *Trindade e Criação*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- VELASCO, Rufino. *A igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VERBO, *Enciclopédia*. Lisboa /São Paulo: Editorial Verbo, 2000.
- VIER, Frei Frederico (Org.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1967.
- ZILLES, Urbano. *Meditações no Sumaré*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.